Jeff Pollard

DEUS O ESTILISTA

O padrão bíblico para a modéstia cristã

Índice

1 Modéstia e Controvérsia..... 5

2 Definindo os Termos..... 9

3 Deus, o Estilista..... 17

4 Definindo o Assunto: Nudez e Vergonha 27

5 A Nudez da Sociedade..... 33

6 O Teatro da Carnalidade..... 49

7 O Impacto dos Meios de Comunicação..... 55

8 Velas em Meio à Pólvora 65

9 Retorno à Modéstia Cristã..... 73

1
Modéstia e Controvérsia

Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras.

Hebreus 10.24

Modéstia é um assunto controverso. Seja qual for a maneira do homem de Deus abordar este assunto, ele será considerado por seus ouvintes um legalista libertário. Isto é inevitável. Falar contra a moda atual e as tendências populares é sempre difícil e envolve um custo elevado para o homem de Deus. Além disso, Deus o tem chamado para seguir um curso de vida que o conduz a defrontar-se com a maneira de pensar e o comportamento do mundo.

Vincent Aslop disse,[1] em certa ocasião, que um homem precisa ter "um espírito muito firme, um espírito que tenha ousadia de atravessar a correnteza ou de enfrentar a torrente de luxúria predominante. Portanto, tomar parte neste ingrato

1 Vincent Alsop, *The Sinfulness of Strange Apparel*, em *PuritanSermons 1659-1689 em Seis Volumes,* Volume III (Wheaton, Illinois, Richard Owen Roberts Publishers), p. 491

debate significa abraçar o destino de Ismael — ou seja, ter as mãos de todos levantada contra você e perceber o que é inevitável: sua mão tem de levantar-se contra quase todos". Isto certamente se aplica ao espinhoso assunto da modéstia. Sem dúvida, quando chegarmos ao final deste livro, para alguns eu parecerei um liberal inconsistente; para outros serei apenas mais uma onda de legalismo, rebentando sobre a praia da liberdade cristã.

Meu objetivo, entretanto, não é a controvérsia. Desejo somente glorificar o Senhor Jesus Cristo e estimular o seu povo ao amor e às boas obras (Hebreus 10.24). Mas, visto que a controvérsia é inevitável neste assunto, seguirei esta diretriz: "O amor nos fornece uma regra segura — que imponhamos sobre nós mesmos uma norma rígida e sejamos tolerantes para com os outros. A norma de nossa própria maneira de conversar deve ser a mais rígida, mas a norma pela qual censuramos os outros deve ser tolerante".[2]

Enquanto lutava com uma grande controvérsia, há muitos anos, o grande Samuel Bolton declarou: "Meu principal objetivo é convencer o discernimento e não irritar as afeições, para que não preste serviço ao pecado, enquanto procuro fomentar a graça; e não desperte as corrupções dos homens, enquanto me esforço para levá-los à santidade; e assim corra inutilmente. O meu desejo sincero é este: que o Deus da verdade torne evidente ao coração aquilo que for óbvio aos olhos e que Ele dê aos meus leitores e a mim mesmo discernimento correto, para que sejamos capazes de distinguir as coisas que fazem diferença".[3]

Este desejo arde em meu coração! Assim, o amor por Cristo

---

2 Ibid

3 Samuel Bolton, *The True Bounds of Christian Freedom* (Edimburgo, The Banner of Truth Trust, 1978), p. 14

e por seu povo é a minha motivação; e a edificação por meio da verdade de Deus, o meu alvo. Peço que o leitor me perdoe, se, em qualquer ponto, eu deixar de atingir algum destes. Que o Senhor Jesus Cristo receba a glória por tudo o que estiver correto neste esforço e que os filhos de Deus recebam o que nele for proveitoso. Todas as imperfeições neste trabalho são minhas, e oro para que você censure imediatamente os erros contidos nele. Julgue-o pelas Escrituras e retenha o que for bom. Se você achar que os argumentos e as conclusões não estão alicerçados nas Escrituras, rejeite-os. (A liberdade dos filhos de Deus não deve ficar presa à opinião de homens.) Mas, se achar que estão de acordo com a Palavra de Deus, sujeite-se à verdade dEle e sirva-O com alegria e satisfação.

□

2
Definindo os Termos

Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso.

1 Timóteo 2.9

Quando eu era recém-convertido, participei de uma conferência anual de jovens, em uma praia da Califórnia. Ali, algumas questões sobre a conveniência de andar bem ou mal vestido levaram-me à Palavra de Deus e à oração; estas me fizeram concluir que não deveria mais participar daquela conferência. Também tinha filhos que me faziam perguntas sinceras sobre este assunto. As tentativas de explicar ao fundador da conferência *o motivo* por que não a freqüentaria mais e de responder às indagações de meus filhos resultaram neste livro.

No que se refere à conferência, minhas preocupações não se centralizavam na ortodoxia nem na capacidade dos ensinadores que a conduziam. Tudo isso era excelente. Eles, assim como eu, declaravam com firmeza que acreditavam no senhorio de Jesus Cristo em cada área da vida cristã, incluindo a doutrina da liberdade cristã. Todavia, o que me inquietou foi isto: a praia com a atmosfera lasciva que a cercava e as roupas dos participantes da conferência não se harmonizavam com a pre-

gação sobre a santidade de Deus. Isto produziu uma mensagem confusa, uma mistura conflitante de santidade com impureza, e me fez recordar o desagradável cheiro de perfume misturado com fumaça de cigarro.

Tal situação levou-me a examinar, *de modo geral*, o assunto da modéstia e, *de modo particular*, a modéstia nas vestes de banho. Por que nas vestes de banho? Porque as evidências bíblicas me convenceram de que o padrão das roupas de banho modernas está caracterizado por nudez imodesta. Após uma boa pesquisa, descobri que a indústria da moda utilizou a roupa de banho para mudar a opinião pública a respeito do vestir-se com modéstia. Em outras palavras, os estilistas *usaram* a moda para *despir* a sociedade. E isto é exatamente oposto à modéstia cristã. Examinar assuntos relativos a trajes de banho nos instruirá, eu espero, no vasto campo da moda e da modéstia.

Então, o que *é* modéstia? Assim como as palavras *amor* e *fé*, usamos freqüentemente a palavra *modéstia* sem compreender o seu verdadeiro significado. Os dicionários modernos oferecem definições tais como:

1. Ausência de vaidade; despretensão, desambição, simplicidade.
2. Reserva, pudor, decência, gravidade, compostura.
3. Moderação, sobriedade. (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 3ª Edição, Curitiba, Editora Positivo, 2004, p. 1345.)
4. Ausência de vaidade em relação ao próprio valor, às próprias realizações, êxitos, etc.; despretensão.
5. Comedimento determinado pelas exigências das circunstâncias, dos deveres, dos usos; sobriedade.
6. Desprezo ao luxo, à ostentação.
7. Conformidade com os padrões morais e éticos da sociedade; pudor, decência. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa,

Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, Rio de Janeiro, Editora Objetiva Ltda., 2001, p. 1942.)

Noah Webster definiu *modéstia* como "aquela disposição humilde que acompanha uma estimativa moderada da dignidade e importância de alguém". Ele disse mais: "Nas mulheres, a modéstia tem o mesmo caráter que tem nos homens, mas a palavra também é usada como sinônimo de castidade ou pureza de comportamento. Neste sentido, a modéstia resulta da pureza da mente ou do temor de sofrer desgraça e ignomínia, temor esse fortalecido pela educação e princípios. A modéstia sincera é o encanto mais doce da excelência feminina, a mais preciosa jóia da coroa de honra das mulheres".[1]

De acordo com estas definições, a modéstia possui um conceito amplo, não limitado à conotação sexual. É um estado de mente ou disposição que expressa uma estimativa humilde de alguém a respeito de si mesmo diante de Deus. A modéstia, tal como a humildade, é o oposto de audácia e arrogância; procura não atrair a atenção para si mesma nem se mostrar de maneira inconveniente. Aparentemente, Noah Webster relacionou a modéstia à castidade, porque castidade significa pureza moral, em pensamento e conduta. A pureza moral, à semelhança da humildade, não exibirá sensualidade nem ostentação.

Várias palavras nos esclarecem o ponto de vista bíblico sobre a modéstia. 1 Timóteo 2.9 afirma que as mulheres devem vestir-se "em traje decente... com modéstia e bom senso". A palavra grega traduzida por *decente*[2] tem "o significado geral de *respeitável, honrável* e, quando usado em referência

---

1 Noah Webster, *American Dictionary of the English Language*, 1828, 5ª Edição (G. & C. Merriam Company, ed. reimpressa, São Francisco, Califórnia: Foundation for American Christian Education, 1987).

2 kovsmioV.

à mulher, significa em outras passagens, tal como neste versículo, *modesto*".[3] George Knight III observa que "adornos e vestes constituem uma área com a qual as mulheres estão freqüentemente preocupadas e na qual existem grandes perigos de imodéstia e indiscrição". Por isso, "o apóstolo Paulo os estabeleceu como o centro de sua exortação e ordenou que as mulheres 'se ataviem com modéstia e bom senso', de forma a manter harmonia com sua confissão e sua vida cristã".[4] Por conseguinte, a modéstia é um dos elementos do caráter cristão, e nossas vestes devem fazer a mesma "confissão" que os nossos lábios fazem. A ordem dada por Paulo nos transmite a idéia de que este é um assunto especialmente perigoso para as mulheres.

De acordo com Knight, a expressão "*com modéstia"*[5] denota "um estado de mente ou atitude necessária com a qual alguém deve se preocupar e, como resultado, vestir-se com modéstia".[6] Significa "um sentimento moral, *reverência, temor, respeito* para com o sentimento ou a opinião de outros ou para com a consciência de alguém; conseqüentemente, *vergonha, respeito próprio... senso de honra*". William Hendriksen disse que *modéstia* "indica *um senso de vergonha*, de respeito aos limites de conveniência".[7] Isto significa que a modéstia conhece

3 George W. Knight, III, *New International Greek Testament Commentary*, *Commentary on the Pastoral Epistles* (Grand Rapids, Michigan, W. B. Eerdmans Publishing Co., 1992), p. 133.

4 Ibid.

5 aijdwvV.

6 Knight, *Pastoral Epistles*, p. 134.

7 William Hendriksen, *New Testament Commentary*, *Thessalonians*, *Timothy*, *Titus* (Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1979), p. 106.

os limites e deseja permanecer dentro deles — a *modéstia* não quer exibir-se.

Finalmente, a expressão *bom senso* tem entre os seus significados "o sentido geral de *bom discernimento, moderação, autocontrole*, que, ao ser visto nas mulheres, é entendido como *decência, castidade*".[8] *Bom senso* significa "um domínio sobre as paixões do corpo, um estado de senhorio sobre si mesmo na área de apetites. O significado básico da palavra tem nuanças e conotações diferentes, representando 'o autodomínio interior, com seu governo constante sobre todas as paixões e desejos, o autodomínio que impede o surgimento da tentação à imodéstia'... Na realidade, Paulo estava dizendo que, quando essas atitudes controlam de modo autoconsciente a mente de uma mulher, o resultado é evidente em seu vestuário modesto".[9] Kelly disse a respeito de *modéstia* e *bom senso*: "A primeira expressão, utilizada tão-somente neste versículo em todo o Novo Testamento, tem a conotação de recato feminino em questões de sexo. A segunda expressão... afirma basicamente a idéia de perfeito auto-senhorio nos apetites físicos... Aplicada à mulher, também possui uma nuança especificamente sexual".[10]

Gastei tempo explicando o significado destas palavras, em parte porque, em nossos dias, existem pastores que tomam estas palavras de Paulo como que se aplicando *tão-somente* a roupas luxuosas, caras e extravagantes na igreja. O argumento deles é que tais roupas distraem a atenção em cultos de adoração. No entanto, eles param aí e não prosseguem. Concordo, sin-

8 Knight, *Pastoral Epistles*, p. 134.

9 Ibid.

10 J. N. D. Kelly, *The Pastoral Epistles* (Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1960), p. 66.

ceramente, que esta idéia está incluída nas palavras de Paulo, mas esses pastores ignoram ou menosprezam o aspecto sexual que se encontrava *evidente* no pensamento de Paulo. "Ao mesmo tempo que a exortação do apóstolo se conforma com a reprimenda popular dirigida contra a extravagância feminina, talvez o pensamento primordial de Paulo era a inconveniência de as mulheres se aproveitarem de seus encantos físicos em tais ocasiões, bem como a perturbação emocional que poderiam causar aos seus irmãos em Cristo."[11]

Knight explica: "A razão por que o apóstolo Paulo proibiu as mulheres de usarem estilos requintados de cabelo, adornos de jóias e roupas extremamente caras se torna evidente quando alguém fica ciente, por meio da literatura daquela época, do tempo excessivo, do preço e do esforço exigido por arranjos de cabelos e jóias, não somente como exibição ostentosa, mas também como padrão usado por cortesãs e prostitutas... Paulo estava proibindo o excesso e a sensualidade".[12]

Excesso *e* sensualidade, ambos influenciam a modéstia. A mulher crente tem de controlar, de modo consciente, suas paixões, em vez de se arrumar de maneira requintada, dispendiosa e sensual. Se forem modestas, não chamarão atenção para si mesmas de maneira errada. As vestes da mulher verdadeiramente cristã não dirão: "Sexo! Orgulho! Dinheiro!", e sim: "*Pureza, humildade, moderação*".

Mais uma coisa: visto que o contexto imediato da epístola de Paulo a Timóteo se refere ao comportamento do crente na igreja, alguns afirmam que Paulo limita a discussão a distrações na igreja, e não a princípios referentes ao uso de vestimenta

---

11 Ibid.

12 Knight, *Pastoral Epistles*, p. 135.

em todas as ocasiões. Novamente, creio que tal afirmativa perde completamente de vista o argumento de Paulo. A igreja é "coluna e baluarte da verdade" (1 Timóteo 3.15). Portanto, o princípio que nos instrui a ordenar nossa vida na adoração a Deus deveria, em última instância, também direcionar nosso viver diário na presença de Deus. Alguém pode concluir honestamente que uma mulher deva vestir-se com modéstia na presença dos homens e de Deus, na adoração coletiva, e vestir-se com ostentação e sensualidade, fora da igreja? O discernimento de Knight é bastante perspicaz neste ponto: "As instruções de Paulo às mulheres, assim como as instruções precedentes aos homens, estão relacionadas ao contexto da comunidade de crentes reunidos, mas não se limitam a esse contexto. Os homens sempre têm de viver em santidade, evitando ira e disputas, especialmente em conexão com a oração em favor de outros; as mulheres têm de viver de acordo com a sua confissão de piedade, vestindo-se com modéstia e discrição, manifestando um relacionamento apropriado com os homens, no que diz respeito à questão da autoridade".[13] Portanto, temos uma ordem bíblica para o vestir-se com modéstia que começa no contexto de nossa adoração coletiva e estende-se ao nosso viver diário.

Entretanto, havendo dito isso, a modéstia não é *primariamente* uma questão de vestimenta, e sim *uma questão do coração*. Se o coração está correto diante de Deus, ele se governará em pureza, acompanhada de humildade, e se expressará em modéstia. Calvino fez a seguinte observação: "Temos sempre de começar com as disposições, pois, onde a

[13] Ibid., p. 131.

devassidão reina no íntimo, não haverá qualquer castidade; e, onde a cobiça reina no íntimo, não haverá modéstia nas vestes exteriores".[14] Ele concluiu: "Sem dúvida alguma, a vestimenta de uma mulher piedosa e virtuosa tem de ser diferente das vestes de uma prostituta... se a piedade tem de ser provada pelas obras, a verbalização de ser crente também precisa ser visível em vestes decentes e apropriadas".[15] Isto se aplica não somente à adoração coletiva, mas também ao viver diário. Embora seja verdadeiro que alguém pode vestir-se com modéstia impulsionado por um motivo orgulhoso e pecaminoso, não é possível que alguém se vista com sensualidade e ostentação impulsionado por um motivo correto. Por conseguinte, a pureza e a humildade de um coração regenerado *internamente* têm de se expressar, em última instância, por meio de roupas modestas no *exterior*.

Portanto, visto que modéstia tem várias definições, extrairemos das Escrituras a nossa definição: a modéstia cristã é o autodomínio íntimo, arraigado em um entendimento apropriado de si mesmo diante de Deus, um entendimento que se expressará exteriormente com humildade e pureza de um amor genuíno por Jesus Cristo, em vez de expressar-se na glorificação e promoção de si mesmo. A modéstia cristã não se revelará publicamente em *nudez* pecaminosa.

▫

14 John Calvin, *Calvin's Commentaries*, Vol. XXI, "The First Epistle to Timothy" (Edimburgo, Inglaterra, Calvin Translation Society, ed. reimpressa, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House Company, 1993), p. 66.

15 Ibid.

3
Deus, o Estilista

Fez o SENHOR Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu.

Gênesis 3.21

Todos nós que professamos ser nascidos do Espírito de Deus concordamos que temos de rejeitar a *nudez pecaminosa* e praticar a *modéstia*. Mas a Bíblia oferece um padrão objetivo para ambas? Creio que sim. A dificuldade está em definirmos os termos com exatidão bíblica, e não com opiniões pessoais. As Escrituras identificam a Deus como o Soberano Criador de todas as coisas, bem como o Criador e o Idealizador das roupas. O relato bíblico referente à origem das vestes e os subseqüentes exemplos de roupas fornecidos pelas Escrituras nos ensinam, pelo menos, uma máxima simples: Deus idealizou as roupas para cobrir o *corpo* e não apenas algumas partes especiais. (Observe: isto não é um argumento de defesa para um retorno à *moda* de roupas dos tempos bíblicos. O exemplo que citamos apenas sugere o *propósito* e a *função* das vestes e a *área aproximada* do corpo que elas devem cobrir.)

1. ***Quando não havia roupas.*** Gênesis 2.25 afirma: "Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam". É importante compreender que no começo a nudez *não* era algo vergonhoso. De fato, "viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom" (Gênesis 1.31). Embora Adão e Eva estivessem nus, eles não tinham qualquer senso de humilhação ou desgraça pública. A nudez do casal era algo "muito bom" porque Deus os criara daquela maneira. Nessas circunstâncias, eles não precisavam de roupas. Então, o que transformou nudez *boa* em algo *vergonhoso*? E por que Deus mesmo *cobriu* o corpo do homem? Considere atentamente as seguintes respostas.

2. ***Quando Deus lhes deu roupas.*** A nudez era boa até que Adão e Eva se rebelaram contra Deus. Nesse momento, o pecado entrou e, em conseqüência, a vergonha. "Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si... Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi... Fez o SENHOR Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu" (Gênesis 3.7, 10, 21). Como resultado da queda de Adão e Eva no pecado, Deus lhes *cobriu* a nudez. O conhecimento do pecado transformou a sua experiência de nudez "boa" em vergonha humilhante e aflitiva. Vergonha e infelicidade entraram na história, que, felizmente, não terminou ali. Em sua grande misericórdia, Deus providenciou uma *coberta graciosa*.

O principal ensino deste relato é sua aplicação espiritual ou *evangélica*: Adão e Eva perderam sua posição de justiça diante de Deus e se tornaram "nus" em seu pecado. Deus matou animais e fez vestes de peles para "cobrir", graciosamente, Adão e Eva, depois de tentarem deploravelmente cobrir a si mesmos com "cintas" feitas por suas próprias mãos. Este

belíssimo *tipo* de misericórdia e graça de Deus cumpriu-se, posteriormente, no sacrifício expiatório de nosso Senhor Jesus Cristo. Thomas Boston comentou:

> Firmados em bases mais seguras, podemos observar que nossos primeiros pais fizeram suas primeiras vestes e que, em seguida, Deus lhes fez vestes eficazes quanto à sua utilidade. Disso, podemos aprender sobre a completa insuficiência de nossa justiça própria para cobrir a nudez espiritual e a absoluta necessidade da justiça de Deus, a justiça imputada, com toda a sua capacidade de vestir adequadamente a alma pecaminosa.[1]

Deus usou esse acontecimento *literal* para nos ensinar uma verdade *espiritual*. Ele substituiu as cintas[2] de Adão e Eva por "túnicas de peles".[3] Embora Adão tenha coberto os seus quadris, Deus o cobriu do pescoço aos joelhos. Isto é bastante significativo: a obra das mãos de Adão, quer no sentido espiritual (a obra de justiça), quer no sentido físico (a nudez), foi inaceitável a Deus. Somente a vestimenta que Deus mesmo providenciou foi suficiente para satisfazer a ambos os sentidos. Enquanto Adão cobriu determinadas partes, o Senhor Deus

---

1 Thomas Boston, *Of the Origins, Names, Texture and Use of Garments*, em *The Complete Works of Thomas Boston*, editado por Samuel M' Millan, Vol. VI (Wheaton, Richard Owen Roberts Publishers, 1980), p. 239.

2 rigt cinta, cobertura dos lombos, cinto, roupa para os lombos, armadura.

3 Gordon Wenham, *Word Biblical Commentary, Vol. 1, Gênesis 1-15* (Waco, Texas, Word Books Publisher, 1987), p. 84.

cobriu *o corpo* de Adão. Vincent Alsop observou: "Nossos primeiros pais, na provisão precipitada que fizeram para cobrir a sua vergonha, se preocuparam apenas com cintas; mas Deus — que tinha concepções adequadas da necessidade de Adão e Eva; do que era preciso para suprir-lhes; das normas de decência e do que poderia satisfazê-las completamente — providenciou túnicas para Adão e Eva, de modo que todo o corpo... fosse coberto e ocultado".[4]

Embora não tenhamos qualquer imagem das vestes de Adão e Eva, a palavra traduzida por *vestimenta* é usada em todo o Antigo Testamento para expressar a idéia de uma veste semelhante a uma túnica. Em Gênesis 3.21, a palavra é *kuttõnet*,[5] que vem de uma raiz incomum que significa *cobrir*. *Kuttõnet* era a veste comum usada por homem e mulher, conforme percebemos nas vestes de peles usadas por Adão e Eva.[6] Esta vestimenta, semelhante a uma camisa, geralmente tinha mangas longas e se estendia até ao tornozelo, quando usada como veste formal. "Os trabalhadores comuns, escravos e prisioneiros usavam uma túnica mais curta — às vezes, até aos joelhos, sem mangas."[7] Alguns dicionários famosos dizem que esta vestimenta "era a roupa mais comum usada por homem e mulher, próxima ao corpo[8]... era uma vestimenta comprida,

4 Vincent Alsop, *Sinfulness*, p. 494.

5 tnTK ou tnTK

6 *Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible, Vol. 2*, ver "Dress", por W. H. Mare.

7 *Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, ver "Dress", por G. Frederick Owen e Steven Barabas.

8 *The New Brown-Driver-Briggs-Gesenius Hebrew-English Lexicon* (Peabody, Massachussetts, Hendrickson Publishers, 1979).

semelhante a uma camisa, feita geralmente de linho[9]... A túnica de Adão havia sido feita de pele".[10] A *kuttōnet* se assemelhava a uma "túnica" romana, correspondendo quase que ao nosso "blusão", indo sempre até abaixo dos joelhos e, quando feita para ocasiões que exigiam vestes formais, chegavam quase até ao chão;[11] enquanto o modelo mais simples não tinha mangas, indo somente até aos joelhos.[12] Outra descrição nos diz que a *kuttōnet* era feita de linho ou de lã, chegando até aos joelhos ou aos tornozelos.[13] Todas essas fontes concordam neste fato a respeito da *kuttōnet*: ela cobria o corpo desde, pelo menos, o pescoço até aos joelhos, enquanto, às vezes, alcançava o meio da panturrilha ou ia até aos pés.

O importante a lembrarmos é que este foi o modelo *de Deus* para *cobrir* a vergonha e a nudez de Adão e Eva. Em outras palavras, Deus *não* fez um biquíni de peles, a fim de ilustrar a nossa justiça e salvação. Além disso, esta não foi a única ocasião em que Ele usou este modelo.

3. Quando Deus outorgou as vestes sacerdotais. Deus não somente ordenou que os sacerdotes cumprissem seu ofício sagrado, mas também delineou as vestes sagradas deles. Ele disse a Moisés: "Falarás também a todos *os homens hábeis*

9 James Strong, *Exhaustive Concordance of the Bible* (Nashville, Abingdon Press, 1890).

10 *Theological Wordbook of the Old Testament, Vol. 1*, ver "Kuttonet",por Gleason J. Archer Jr.

11 *The International Standard Bible Encyclopedia, Vol. 2*, ver "Dress", por George B. Eager.

12 *Wycliffe Bible Encyclopedia, Vol. 1*, ver "Dress", por Edgar C. James.

13 *New Bible Dictionary*, ver "Dress", por C. de Wit.

a quem enchi do espírito de sabedoria, que façam vestes para Arão para consagrá-lo, para que me ministre o ofício sacerdotal. As vestes, pois, que farão *são* estas: um peitoral, uma estola sacerdotal, uma sobrepeliz, uma túnica [*kuttõnet*] bordada, mitra e cinto. Farão vestes sagradas para Arão, teu irmão, e para seus filhos, para me oficiarem como sacerdotes" (Êxodo 28.3-4). Assim, Deus — o Primeiro Estilista — cobriu o corpo dos sacerdotes, como o fizera com Adão e Eva.

4. Quando Deus usou roupas. O Senhor Jesus Cristo é o Verbo que se fez carne e habitou entre nós (João 1.14). Uma pergunta correta seria: quando Deus se tornou carne, o que *Ele* vestiu? A resposta desta pergunta é digna da seguinte citação de Alfred Edersheim:

> Três ou, provavelmente, quatro peças constituíam a vestimenta. Primeiramente, havia a roupa de baixo, chamada *Chaluq* ou *Kittuna* (na Bíblia, *Kethoneth*). A *Chaluq* poderia ser feita de linho ou de algodão. Os sábios a usavam longa, até aos pés. Era coberta por uma veste superior ou *Tallith,* que ficava a um palmo dos pés. A *Chaluq* ficava próxima ao corpo e não tinha aberturas, exceto para o pescoço e os braços. Na parte mais baixa, a *Chaluq* tinha um tipo de bainha. Possuir apenas uma dessas "túnicas" ou vestes de baixo era um indicativo de pobreza. Por isso, quando os apóstolos foram enviados em sua missão temporária, eles foram instruídos a não levarem "duas túnicas". Bem parecida, se não idêntica à *Chaluq*, havia a roupa antiga mencionada no Antigo Testamento como *Kethoneth*, à qual corresponde a palavra grega *Chiton*. Visto que a roupa usada por nosso Senhor e as roupas sobre as quais Ele falou aos apóstolos eram designadas pelo

> vocábulo ***Chiton*****,** concluímos que este representa a popular *Kethoneth* ou a rabínica *Kittuna***.** Esta podia ser feita de quase todo material, inclusive couro, embora fosse geralmente feita de lã ou linho...
>
> Podemos agora ter uma idéia da aparência exterior de Jesus naquela manhã primaveril, quando estava entre a multidão, em Cafarnaum. Podemos imaginar com certeza que Ele saíra com as vestes comuns, embora não com as mais ostentosas, usadas pelos mestres judeus da Galiléia**...** A ***Chaluq*****,** ou mais provavelmente a *Kittuna***,** a roupa de baixo, devia ser bem justa, descendo até aos pés. A *Kittuna* não era usada somente pelos mestres, mas também era considerada absolutamente necessária para que alguém lesse ou ensinasse publicamente as Escrituras ou exercesse qualquer função na sinagoga.[14]

Nosso Senhor Jesus Cristo, o Deus vivo, vindo em carne, *cobriu-se* da mesma maneira como havia coberto Adão e Eva, bem como os sacerdotes. Cristo é um bom exemplo para nós?

5. Quando Deus outorga vestes aos santos no céu. O apóstolo João nos dá uma visão dos santos no céu. "Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram (Apocalipse 6.11; 7.9,13,14). Esta vestidura[15] era uma túnica exterior, folgada, masculina, que se estendia até aos pés, usada por

---

14 Alfred Edersheim, *Life and Times of Jesus the Messiah* (Nova Iorque,Longmans, Green and Co., 1904), pp. 622, 624.

15 stolhv

reis, sacerdotes e pessoas nobres. Os dicionários identificam esta vestidura com "uma túnica longa e folgada"[16] ou com "a veste exterior longa e folgada; e, às vezes, identificam-na com a túnica especial dos sacerdotes..."[17]

Parece, então, que a Bíblia *realmente* oferece um padrão para *as vestes* do corpo. Desde as túnicas de pele que Deus entregou a Adão e Eva até às túnicas que Ele projetou para os sacerdotes; desde as vestes de Jesus Cristo até às vestimentas brancas dos santos na glória, temos um testemunho coerente. O Antigo e o Novo Testamento revelam que o povo de Deus, na terra e no céu, usou roupas que lhes cobriam desde o pescoço até abaixo do joelho (incluindo, provavelmente, a panturrilha ou chegando ao tornozelo). Estas passagens, juntamente com muitas outras, indicam que os crentes têm um padrão para *cobrirem* seu corpo, especialmente quando se reúnem coletivamente para adorar o Deus vivo.

João Calvino comentou: "Uma vez que as vestes constituem um assunto indiferente (tal como todos os assuntos exteriores), é difícil estabelecer um limite no que diz respeito até que ponto devemos ir... Pelo menos, podemos estabelecer isto com certeza: temos de reprovar tudo o que em nosso vestir não está de acordo com a modéstia e a sobriedade".[18] Ele está correto: *é* difícil estabelecer um limite fixo. Mas, visto que Deus mesmo

16 Walter Bauer, F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker, *A Greek- English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 5ª Edição (Chigaco, University of Chigaco Press, 1979).

17 Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich (editores), *The Theological Dic- tionary of the New Testament*, abreviado em 1 volume (Grand Rapids, Michigan, W. B. Eerdmans Publishing Co., 1985), ver *"stol"*, por U.Wilckens.

18 John Calvin, *Commentaries*, Vol. XXI, p. 66.

cobriu Adão e os sacerdotes e que Cristo se vestiu como vestiram-se os santos do céu, não temos um padrão perfeito de modéstia e sobriedade? Quando os crentes não têm uma ordem escrita na Bíblia, nossa prática normal é examinarmos o perfeito relato de Deus, a fim de encontrarmos um princípio do qual extrairemos uma conclusão apropriada. Se rejeitarmos esta prática, onde *encontraremos* um padrão de modéstia? O que quer que aprendamos destes relatos bíblicos, é óbvio que as roupas *cobriam* o corpo, especialmente na adoração.

Desejo enfatizar novamente: meu argumento *não* é a favor de um retorno à moda de vestir túnicas. Estou argumentando em favor da relação entre as roupas e a modéstia. Adão, os sacerdotes, Jesus Cristo e os santos glorificados — todos nos indicam um fato evidente: o povo de Deus deve *se cobrir*. E o modelo bíblico sugere um padrão de veste que se estende, pelo menos, do pescoço até abaixo dos joelhos.

▫

4

Definindo o Assunto: Nudez e Vergonha

Aconselho-te que de mim compres... vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez.

Apocalipse 3.18

Assim como se evidencia em *Cântico dos Cânticos*, de Salomão, e em outras partes das Escrituras, a atração e o relacionamento sexual entre um homem e sua esposa não são vergonhosos nem pecaminosos. Mas, depois da queda de Adão, a palavra nudez tornou-se um eufemismo bíblico para os órgãos reprodutivos do homem e da mulher e está freqüentemente associada à vergonha. A palavra "nudez" também se refere a atos sexuais pecaminosos e vergonhosos.

Nenhum homem se chegará a qualquer parenta da sua carne, para *lhe* descobrir *a nudez*. Eu sou o SENHOR. Não descobrirás a nudez de teu pai e de tua mãe; ela *é* tua mãe; não lhe descobrirás a nudez.

Levítico 18.6-7

Ver também Levítico 18.11 e 18.18.

> Se um homem se deitar com mulher no tempo da enfermidade dela e lhe descobrir a nudez, descobrindo a sua fonte, e ela descobrir a fonte de seu sangue, ambos serão eliminados do meio do seu povo.
>
> Levítico 20.18

Descobrir a nudez significa cometer atos sexuais pecaminosos. Nisto não pode haver qualquer contradição: de acordo com a Palavra de Deus, descobrir a nudez de alguém com o propósito de ter relações sexuais ilícitas é pecado e vergonha. É óbvio que estes são atos secretos e particulares — mas, o que podemos dizer a respeito de *manifestações públicas* de nudez?

As palavras traduzidas por *nudez*, que se referem especificamente às partes secretas, tanto no hebraico como no grego, estão, com muita freqüência, associadas à *vergonha.* Eis alguns exemplos: "As tuas vergonhas serão descobertas, e se verá o teu opróbrio" (Isaías 47.3a); "Eis que ajuntarei todos os teus amantes, com os quais te deleitaste, como também *todos* os que amaste, com *todos* os que aborreceste; ajuntá-los-ei de todas as partes contra ti e descobrirei as tuas vergonhas diante deles, para que todos as vejam" (Ezequiel 16.37); "Eis que eu *estou* contra ti, diz o SENHOR dos Exércitos; levantarei as abas de tua saia sobre o teu rosto, e mostrarei às nações a tua nudez, e aos reinos, as tuas vergonhas" (Naum 3.5); "Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas" (Apocalipse 3.18). Estas passagens nos ensinam claramente que a exposição pública de nossas partes secretas está associada à vergonha.

No entanto, a *nudez* não se limita à exposição das partes

secretas**.** Quando um homem tirava a sua *kuttõnet***,** ele ficava em um estado que a Bíblia chama de "nu" (*gumnos*). Embora ainda estivesse com sua veste de baixo, Pedro foi declarado "nu", em João 21.7, porque havia retirado a sua veste superior.[1] Burton Scott Easton disse: "Tanto o vocábulo grego como o hebraico significam 'sem roupa', mas, em ambas as línguas, eram usados freqüentemente no sentido de 'vestido levemente' ou apenas 'sem veste superior". Thomas Boston observou: "Os hebreus declaravam nu qualquer pessoa que retirasse a sua veste superior".[2] Portanto, talvez este seja o significado em João 21.7 — "Pedro estava usando apenas a *chiton*".[3] Pedro não estava *pecaminosamente* despido no contexto de seu trabalho — como pescador, ele estava *trabalhando* entre homens, distante da praia, e não *se socializando* publicamente em um grupo de pessoas de ambos os sexos. Todavia, é evidente que Pedro percebeu a diferença entre trabalhar em seu barco e estar na praia, na presença do Senhor, porque ele *se cobriu* e depois nadou até Cristo. Por quê? Porque estava "nu".

Então, de acordo com as Escrituras, uma pessoa não precisa estar *completamente* sem roupas para que esteja *vergonhosamente* nua. *Gumnos* significa "nu, com a roupa despida; sem a veste superior, sem a qual uma pessoa decente não apareceria em público".[4] Este segundo tipo de nudez não somente se

---

1 ejpenduvthV — roupa de pescador 1; 1) uma veste superior — a) João 21.7 parece denotar a um tipo de blusão ou vestido de linho que os pescadores costumavam usar em seu trabalho.

2 Boston, *Garments*, p. 237.

3 *International Standard Bible Encyclopedia*, Vol. III, ver "naked", por Burton Scott Easton.

4 Bauer, *A Greek-English Lexicon*.

aplica a Pedro, em João 21, mas também ao profeta Isaías[5] e ao rei Saul.[6] A veste inferior de Pedro cobria mais do corpo do que o cobrem a maioria dos shorts ou calções de banho modernos! Embora isto não seja *necessariamente* pecaminoso, estava associado à vergonha pública, como está implícito nas definições de Arndt-Gingrich. Uma pessoa decente não aparecia em público vestida deste modo. Esta foi a razão por que Pedro vestiu sua roupa superior, antes de nadar até à praia e a razão pela qual Isaías foi um sinal de vergonha, desgraça e juízo para o Egito e Cuxe. Isto também poderia ser dito a respeito da humilhação da "virgem filha de Babilônia" (Isaías 47.1-3), em seu erguer "a cauda da... vestidura" e desnudar "as pernas".[7] A "nudez" de Isaías não seria notada entre os crentes de nossos dias. Desnudar as pernas não somente é considerado como uma prática "normal" hoje, como também é considerado uma demonstração de liberdade de uma pessoa.

Além disso, a *nudez* pública andava lado a lado com as religiões pagãs da antiguidade. Alison Lurie, expert em moda, observou: "Historicamente... a vergonha parece ter exercido pouca influência no desenvolvimento das roupas. No antigo Egito, em Creta e na Grécia, o corpo nu não era considerado imodesto. Escravos e atletas habitualmente andavam sem roupa, enquanto pessoas de alta posição usavam vestes que eram desenhadas e preparadas de modo a mostrarem grande parte do corpo, quando estivessem em movimento".[8] Portanto, enquanto o corpo despido não era incomum no paganismo, estar sem a

---

5 Isaías 20.1-6.

6 1 Samuel 19.24.

7 Ver *Commentaries on Isaiah*, por Young, Alexander, Delitzsch, Leupold, Lange, Gill e Henry.

8 Alison Laurie, *The Language of Clothes* (Nova Iorque, Random House, 1981), pp. 212-214.

veste superior era considerado *imodesto* e até vergonhoso entre o povo de Deus. O povo de Deus *cobria* o seu corpo quando estava em público, enquanto os pagãos *descobriam-no*.

A *nudez* também acompanha a possessão demoníaca — "Rumaram para a terra dos gerasenos... ao desembarcar, veio da cidade ao seu encontro um homem possesso de demônios que, havia muito, não se vestia... Então, saiu o povo para ver o que se passara, e foram ter com Jesus. De fato, acharam o homem de quem saíram os demônios, vestido, em perfeito juízo" (Lucas 8.26-35). Quando controlado pelos demônios, o homem andava *nu*; quando ficou em seu perfeito juízo, por meio do poder e da graça de Jesus Cristo, o homem *cobriu-se*. Conforme vimos, Deus cobriu o homem no jardim do Éden; parece que Satanás e os demônios têm se esforçado para despi-lo, desde aquela época. Eles têm feito isso com bastante sucesso!

Portanto, é evidente que algumas formas de nudez são vergonhosas e explicitamente pecaminosas desde a queda de Adão. Expor o corpo do homem ou da mulher, que deveria ser *coberto*, está em desarmonia com o modelo bíblico. Além disso, visto que expor as partes secretas é vergonhoso, parece óbvio que vestir-se de modo a ressaltar essas partes do corpo ou atrair propositadamente a atenção para elas é igualmente pecaminoso e imodesto. *As roupas de banho são exemplos destas coisas, intencionalmente.*

▫

5
A Nudez da Sociedade

...uma mulher ...mui formosa.
2 Samuel 11.2

As vestes de banho em nossa cultura não possuem uma origem obscura e misteriosa, escondida em algum lugar dos anais da antiguidade. Uma visita à biblioteca pública e algumas horas de pesquisa revelarão uma história provocante e esclarecedora. O surgimento e o progresso das vestes de banho em nossa cultura revelam não somente grande medida de sensualidade, mas também o caráter da própria sociedade. Claudia Kidwell e Valerie Steele observam que "a história das vestes de banho está vinculada à mudança de percepção a respeito de modéstia e imodéstia. Em toda a sua história, as vestes de banho têm sido as mais reveladoras dentre as roupas esportes, forçando uma aliança inquietante entre a modéstia e a exposição sexual".[1]

Vários livros sobre história da moda relatam especificamente

1 Claudia Brush Kidwell e Valerie Steele, *Men and Women: Dressing the Part* (Washington, Smithsonian Institute Press, 1989), p. 118.

esta aliança inquietante. Cito estes livros para não ser acusado de "inventar" uma história com o propósito de estabelecer meu argumento. Obviamente estes livros não foram escritos com uma perspectiva cristã. E dificilmente isso aconteceria. Eles não surgiram de cérebros fervorosos de alguns pregadores fundamentalistas e críticos. E isto é o que os torna valiosos: eles *não* contam a história conforme o ponto de vista da modéstia cristã. Meu desejo é permitir que *tais livros* falem por si mesmos, em suas próprias palavras, pois o testemunho *deles* é que a roupa de banho foi o primeiro elemento a contribuir para o despir da sociedade. Na verdade, as histórias das roupas de banho e da moda geralmente apresentam a história de como é bom e libertador a sociedade despir-se. Eu a considero uma história triste.

Podemos observar o uso de roupas de banho desde aproximadamente 350 a.C. Surgiu na Grécia e, depois, chegou a Roma, onde banhar-se e nadar alcançou o pico da popularidade. Um quadro encontrado em Piazza Armerina, na Sicília, retrata moças vestindo roupas tão pequenas que se assemelham aos biquínis modernos. No entanto, os esportes aquáticos saíram de moda depois da queda do Império Romano e não reapareceram até o início dos anos 1700, nos balneários da França e da Inglaterra. O traje era uma veste semelhante a uma toga, tanto para homens como para mulheres. No início dos anos 1800, ir à praia a fim de ter entretenimento começou a tornar-se popular; mas todas as atividades na água eram estritamente separadas, tendo cada sexo a sua extensão de praia ou alternando em nascentes e piscinas em horas diferentes. Quando os modernos balneários no litoral se tornaram populares, o mesmo aconteceu com os banhos de mar e bronzeamento. Entretanto, além dessa vestimenta semelhante a uma toga, nenhum protótipo de vestes de banho existira em toda a História. Portanto, o crescimento da popularidade do nadar e tomar banho de sol apresentou um

novo desafio para o mundo da moda.

E qual foi esse *novo* desafio? Primeiramente, foi a situação de homens e mulheres se divertindo *juntos* em esportes aquáticos. Antes disso, homens e mulheres nadavam despidos ou com pouca roupa em grupos *separados*. Embora tenha havido exceções, a separação era a prática geral.

Nessa nova atmosfera de homens e mulheres juntos na água, surgiu uma grande necessidade de *novas* vestes. Estas teriam de ser funcionais, como não o era o traje de banho comum até então. Esse traje comum ficava pesado quando molhado em água e era até perigoso. Todavia, devido ao fato de que a nova veste deveria ser menos volumosa, a fim de permitir liberdade de movimentos, ela tornou-se mais e mais curta para ambos os sexos. Isso era algo realmente *novo*: mais e mais homens e mulheres permaneciam juntos, usando menos e menos roupas.

Eis o âmago do desafio: se homens e mulheres brincavam e nadavam juntos na praia, deveria haver uma roupa que tornaria o corpo mais livre para movimentar-se. Mas ainda havia na sociedade vestígios da influência bíblica da modéstia. A perspectiva cristã procedia do fato bíblico de Deus ter dado as roupas para *cobrir* o corpo, contudo, a exigência por maior liberdade de movimentação demandava um novo tipo de veste para *descobrir* o corpo. Os estilistas entenderam que essa veste apropriada para a praia teria de *ocultar*, embora soubessem muito bem que, a fim de darem liberdade de movimento aos banhistas, essa veste, por sua própria natureza, teria de *mostrar*. "Este vestuário anfíbio seria como um paradoxo a ser resolvido por um alfaiate — um tipo de nudez que funcionaria como um símbolo de vestimenta."[2]

---

2 Lena Lenček e Gideon Bosker, *Making Waves: Swimsuits and the Undressing of America* (São Francisco, Califórnia, Chronicle Books, 1989), p. 11.

Uma vez que homens e mulheres não estavam mais separados em suas atividades na praia, um inevitável *strip-tease* aquático começou. A remanescente tentativa de reter alguns traços de modéstia e, ao mesmo tempo, dar liberdade às pernas e braços explica por que as primeiras roupas de banho tinham uma aparência volumosa e desengonçada, que nossa cultura considera engraçada. Mas não percamos de vista este fato: tais vestes de banho antiquadas, de aparência engraçada, foram pelo menos, por algum tempo, um esforço de perpetuar o honrável ideal cristão de *cobrir* o corpo.

Os estilistas de vestes de banho lutavam com um problema que os deixava perplexos: tais vestes tinham de ser funcionais *tanto* nas ondas *como* na praia, desde o vestiário até à beira da água. Naquela época, os padrões de modéstia exigiam claramente o *encobrimento*, mas a funcionalidade na água exigia a *diminuição*. E, visto que a indústria da moda não era guiada pela Palavra de Deus, nada permaneceu da modéstia cristã na maneira de expor o corpo, exceto que tal modéstia era antiquada. A evidência revela — e temos de guardar em mente — que modernizar e diminuir as vestes de banho foram obras deliberadas.

Temos de parar e refletir sobre este fato: o que estava acontecendo na praia era o começo, nos tempos modernos, de um conflito violento entre o *Deus Santo*, como estilista de roupas, e *homens pecaminosos*, na mesma função.

Os estilistas de moda não viram o traje de banho como vestes simplesmente funcionais, para uso específico — como macacões, por exemplo. Eles contemplaram suas criações como vestes altamente *modernas* e, portanto, idealizadas tanto para *mostrar* como para *estimular*. Eles entenderam claramente que a nova roupa de banho era apenas um *símbolo* de estar vestido. Essa foi a razão por que, em última instância, tal roupa se desenvolveu em uma forma de nudez superficialmente disfarçada

de vestimenta. Além disso, os estilistas sabiam que estavam despindo a sociedade e desafiando constantemente os limites legais da nudez pública.

Desafio você, querido leitor: investigue os livros escritos pela indústria da moda, leia a história do negócio deles; e você descobrirá que a perspectiva que direciona a moda geralmente é a atração sexual, e não a Palavra de Deus. Este é um argumento que estamos ressaltando: em vez de ser direcionada pela Palavra de Deus, a voz do céu, a sociedade moderna é direcionada pela moda, a voz do homem caído.

Será instrutivo examinar a influência da Europa em nossa sociedade, especialmente a influência da França.

Os anos 1800 foram os mais turbulentos. Naquele tempo, as rachaduras do dique da nossa fraca moralidade estavam cedendo às pressões dos estilos, da filosofia, da teologia e do pensamento político da Europa. Esse fenômeno não era novo; os grandes pregadores, John Owen e Thomas Brooks relataram um declínio semelhante na Inglaterra em um período anterior e condenaram severamente a influência corruptora proveniente da moda européia!

> Há muito tempo a vaidade tem sido acrescentada às roupas, com modas e maneiras de vestir levianas, tolas e lascivas; como resultado, tem havido ousadia excessiva no *comportamento*[3] entre homens e mulheres. Estas corrupções, emprestadas da nação vizinha... têm produzido em abundância fruto de vaidade e orgulho. E a melhor evidência de que uma nação se degenerou é o fato de que ela se dispõe a *naturalizar* os maus hábitos

3 O vocábulo original usado por John Owen é *conversa*.

de outras nações que vivem entre ela...[4]

Mas vocês dirão: Que pecados existiam entre os moradores de Londres que professavam ser cristãos...?

Eu respondo: existiam sete pecados, dentre outros, cometidos por muitos dos moradores de Londres...

(1) Entre muitos crentes professos existia *grande conformidade com as modas do mundo*. Naquela grande cidade, muitos homens que se confessavam cristãos vestiam-se como palhaços,[5] e as mulheres, como bebês de Bartolomeu,[6] trazendo desonra para Deus, vergonha ao cristianismo, endurecimento de coração aos ímpios, ofensa aos fracos e provocando a ira de Deus!... Sofonias 1.8 é uma penetrante e vigorosa repreensão contra todos os negociantes de moda e contra todos os que parecem ter consultado a França, a Itália, a Pérsia e todos os monstros bizarros; é uma advertência aos negociantes de moda quanto a todos os tipos e formas de pecados deles e um alerta àqueles que são habilidosos em seguir tais pecados, que se mostram mais competentes nesses pecados do que os seus criadores.

---

4 John Owen, *The Nature and Causes of Apostasy*, em *The Works of John Owen*, editado por W. H. Goold, Vol. VII (Johnstone & Hunter 1850-53; ed. reimpressa, Edimburgo, Inglaterra, The Banner of Truth Trust), p. 207.

5 O vocábulo original usado por Brooks significa *palhaço* ou *alguém que faz gestos esquisitos*.

6 Bebês de Bartolomeu eram *bonecos vendidos na Feira da Festa de São de Bartolomeu*. Eram cintilantes e revestidos de lantejoulas. Essa festa era um evento nacional e internacional, um *show* espetacular de músicos, acrobatas, aberrações, animais selvagens, barracas de tiro ao alvo, jogos e coisas semelhantes.

> Com certeza, se tais pessoas serão salvas, será por meio do fogo. Vestimentas estranhas fazem parte do velho homem, o qual tem de ser lançado fora, se alguém deseja chegar ao céu... Cipriano e Agostinho chegaram a esta conclusão: vestes supérfluas são piores do que a prostituição, porque esta corrompe apenas a castidade, mas aquelas corrompem a natureza da pessoa... Ó senhores, o que era mais comum entre muitos crentes professos em Londres do que estarem vestidos com roupas estranhas, *à moda da França*?[7]

Embora a Palavra de Deus ordene: "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus",[8] a indústria da moda começou a imitar a moda européia.

Os fabricantes de vestes de banho sabiam *exatamente* o rumo que planejavam seguir, o qual não era a Palavra de Deus. "...em parte, devido à influência das mais ousadas vestes de banho francesas, as nossas vestes de banho passaram por uma revolução. Até àquele tempo, as vestes de banho eram modeladas conforme as roupas de andar na cidade... mas, por volta dos anos 1890, a roupa íntima começou uma lenta e incessante migração para fora, uma migração que resultaria em uma completa e triunfal exibição no biquíni dos anos

---

7 Thomas Brooks, *London's Lamentations*, em *The Complete Works of Thomas Brooks*, editado por A. B. Grosart, Vol. VI (Edimburgo, Inglaterra, The Banner of Truth Trust, 1980), pp. 51, 52.

8 Romanos 12.2

1960."[9] Então, não devemos ficar surpresos ao entender que "os idealizadores das vestes de banho se esforçaram para suprimir a associação natural das roupas íntimas com as vestes de banho, uma comparação congênere e inegável. Também é verdade que a indústria de vestes de banho femininas, em seus estágios iniciais, estava intimamente ligada à indústria de cintas e sutiãs, assim como as vestes de banho masculinas estavam intimamente ligadas, por assim dizer, ao comércio de roupas de baixo".[10]

As razões para esta "supressão" devem ser óbvias: as roupas de baixo têm um fortíssimo apelo erótico. E a cultura de nossa sociedade, com sua teoria de "decência" no vestir, não estava preparada, naqueles dias, para essa flagrante demonstração de sensualidade. Evidentemente, o propósito que se encontrava por trás do estilo de vestes de banho era o expor a anatomia humana em uma embalagem mais sensual. Isso não poderia ser obtido nas ruas da cidade. Mas, em nome da recreação e, especialmente, dos esportes, uma notável *dicotomia de pensamento* começou a permear a sociedade. Na virada do século, o que era nudez e lascívia na cidade tornou-se, repentinamente, justificável e permissível na praia.

Isto deve fazer com que o filho de Deus pense. Esta mudança de roupas comuns para roupas de baixo, como modelo a ser seguido, certamente não pode ser defendida como uma mudança em direção à modéstia. Além disso, em nome de esportes, recreação e seguindo a moda de vestes de banho da Europa, a sociedade começou a legalizar a nudez pública.

Um relato apresenta habilmente o assunto: "A história das

9 Lena Lenček e Gideon Bosker, *Making Waves*, p. 33.

10 Richard Martin e Harold Koda, *Splash! A History of Swimwear* (NovaIorque, Rizzoli International Publications, 1990), p. 58.

vestes de banho é uma história, centímetro por centímetro, de como a pele tornou-se pública nos tempos modernos".[11] É o drama de como a carne, a indústria e os meios de comunicação envolveram o ponto de vista cristão a respeito da modéstia em uma batalha à beira-mar. Esta luta entre mostrar e ocultar, fibras têxteis e pele, modéstia e nudez é uma história contínua de como a sociedade — incluindo muitos crentes — tem tirado a roupa em público.

Duas perguntas devem ser respondidas. Primeira: por que a nudez *não* era pública até aos tempos modernos? A resposta é bem simples: nossa cultura resultou da influência de uma perspectiva bíblica, que incluía *o cobrir* o corpo.

A segunda pergunta é: que mudanças em nossa sociedade puseram a nudez em destaque? A evidência parece indicar que a moralidade cristã, e a modéstia que a acompanhava, a qual serviu anteriormente como resistência à nudez pública, sucumbiram às crescentes pressões da sociedade. A voz da Palavra de Deus foi lentamente suplantada pela voz progressivamente secular dos meios de comunicação, pela indústria da moda e pela opinião pública. Em conseqüência, os fundamentos de modéstia desgastaram-se, quase a ponto de extinção. Quero dizê-lo de outra maneira: ninguém pôs um revólver na cabeça das pessoas e lhes disse: "Tire a roupa, se não você morre!" A indústria da moda simplesmente disse: "Esta é a roupa da moda" — e a sociedade despiu-se com avidez.

Além disso, visto que o traje de banho livrou-se do modelo e da área de cobertura das roupas comuns, uma transformação radical aconteceu. A anatomia humana foi colocada em uma luz provocativa e ousada; visto que as roupas de banho se

---

11 Lena Lenèek e Gideon Bosker, *Making Waves*, p. 91.

tornaram progressivamente mais curtas e apertadas, elas se tornaram também mais eróticas. A controvérsia acendeu o fogo da discórdia e do debate que assolou as décadas iniciais do século XX. À medida que as vestes de banho encolhiam, o clamor e a contenda aumentavam. Enquanto cada centímetro de tecido desencadeava outra tempestade de contenda, a exposição progressiva de mais carne venceu a resistência pública à nudez. É fácil compreender a razão para o intenso ardor da batalha: os pilares eram *extremamente* elevados. Esse traje simples tornou possível expor e erotizar partes da anatomia humana que antes permaneciam ocultas. O corpo humano estava exposto aos olhos do público, de uma maneira que jamais a sociedade havia imaginado.

O conflito que surgiu a respeito das vestes de banho não foi simplesmente uma questão de gosto: a metamorfose das vestes de banho forçou a sociedade a reavaliar seu ponto de vista sobre a modéstia. Era uma cultura de guerra, uma guerra de pontos de vistas a respeito do mundo. Como pessoas, mudamos do ponto de vista bíblico de cobrir o corpo para um ponto de vista exibicionista de expor o corpo. O resultado trágico foi que nossa sociedade — incluindo as igrejas — lançou fora sua veste de modéstia cristã e permaneceu de pé, orgulhosa e nua, na praia.

Para ilustrar este fato, narramos a evolução da nudez pública durante os anos 1900.

Os braços das mulheres foram expostos na primeira década. Embora pareça algo que nos cause risadas, isso foi uma grande mudança de pensamento. Os braços e os ombros das mulheres eram habitualmente cobertos em público. Essa mudança, porém, foi apenas o começo.

A controvérsia entre o encobrimento do corpo e a sua exposição prosseguiu com maior intensidade nos anos 1920, quando as pernas e as costas das mulheres foram progressivamente

despidas. Decotes apareceram nos anos 1930. Em sua impetuosa busca por mais liberdade e maior exposição, os estilistas de vestes de banho jogaram fora a sobre-saia que havia sido padrão para muitos trajes de banho femininos. Tanto homens como mulheres queriam mostrar seus corpos bronzeados; então, as proibições legais, designadas para proteger a modéstia pública eram regularmente desafiadas, e, rejeitadas; por isso, a resistência pública não se lamentou, tirou suas roupas e se uniu à multidão.

Uma grande virada tecnológica ocorreu nos anos 1930 e 1940, quando surgiu uma importante mudança no estilo de vestes de banho. Novas fibras e tecidos tornaram possível expor mais das curvas do corpo. O corpo escondido dentro das antigas roupas volumosas do passado estava emergindo à luz do dia.

Um traje de duas peças apareceu inicialmente em 1935, nas páginas de revistas de moda. Esse traje deixava descoberta uma pequena área entre as duas partes do corpo. Embora alguns usassem esse item ousado, ele não se tornaria moda até aos anos 1940.

Durante os anos 1940 e 1950, o traje de duas peças expôs a barriga. O maiô também era popular e havia sido desenhado com cavas e aberturas para mostrar a barriga e os lados. O maiô se focalizava nos quadris e foi se tornando mais justo. Malhas elastizadas acentuaram as curvas do corpo, de uma maneira que antes era impossível. Nessa altura, o corpo, mesmo embaixo da veste, podia ser amplamente exposto, acentuado e explorado por meio de trajes excitantemente apertados, enquanto os estilistas podiam declarar que o corpo estava "coberto". O maiô se tornava mais baixo na altura dos seios e mais curto nas pernas. Muitos dos novos trajes de banho não tinham alças. Ombros descobertos, cinturas apertadas e seios desnudos enchiam as praias como as marés altas.

Durante esse período, quando o traje de banho enfatizava

as curvas do corpo, os fotógrafos também focalizavam suas câmeras nessas curvas. As modelos sorriam e se despiam para os meios de comunicação, usando seus corpos para adornar quase todos os tipos de comerciais. Jovens encantadoras vestidas com roupas de banho se tornaram um item padrão da comercialização, que negociava tudo, desde veículos até campanhas políticas.

O umbigo foi exposto nos anos 1960 e 1970. E nos anos 1970, cavas acentuadas revelaram os quadris. Os estilistas despiram as coxas até à cintura; isso deslumbrou o público com outra parte erótica do corpo e tornou aquele traje "conservador", de uma só peça, mais erótico do que antes. A cada nova estação da moda, os criadores de vestes de banho mudavam e manipulavam os novos tecidos, para descobrir outra parte do corpo. Essas vestes clamavam aos espectadores: "Vejam isto! Olhem para cá!" E nos anos 1980 e 1990, mudanças ainda mais radicais mostraram os seios e as nádegas.

As intenções dos estilistas eram obviamente despir e mostrar partes da anatomia humana que antes nunca haviam sido "oferecidas à venda", em público. A atitude permanente dos estilistas em erotizar partes do corpo e sua busca perpétua por outra zona excitante a ser exposta mostram claramente que eles tinham um *propósito*. Uma rápida pesquisa sobre três dos mais famosos estilistas de roupas de banho elucida tudo abundantemente.

Superando todos os outros na indústria da moda, os estilistas de roupas de banho triunfaram surpreendentemente em mudar a opinião pública a respeito de modéstia. É muitíssimo claro que as criações dos estilistas são desenhadas com o propósito de expor ao público tanta carne humana quanto possível. Mas ainda permanece na sociedade um pouco de acanhamento, que demora a acabar. Como disse um historiador: "Até hoje, quando o corpo tornou-se um produto comerciável, fazer uma

aparição pública em vestes de banho pode ser uma experiência inquietante".[12]

Precisamos fazer duas perguntas:

1) Uma vez que as vestes de banho modernas foram criadas para promover a nudez pública e são o tipo de roupa mais revelador, por que tantos crentes usam essas vestes de banho em ambientes mistos e encorajam seus jovens a fazerem o mesmo?

2) Por que os pastores e líderes de igrejas evangélicas expõem rapazes e moças crentes à inquietante experiência de "maior exposição do corpo", em nome da evangelização dos incrédulos?

Como afirmam os autores já citados, existe uma aliança forçada e inquietante entre a modéstia e a exposição sexual. A Bíblia fala de *cobrir* o corpo; o mundo promove a *exposição* do corpo. Os pregadores do evangelho de Jesus Cristo devem se envolver em promover a exposição sexual por conta da qual os nossos jovens teriam sido presos sessenta anos atrás?

A razão por que "vestes de banho" podem ser "inquietantes" é que elas expõem os corpos daqueles que as usam. Encaremos a verdade: uma roupa de banho revela o que você realmente é, mais do que qualquer outro tipo de roupa. As moças sabem que as outras moças e, especialmente, os rapazes perceberão realmente se elas têm seios grandes ou pequenos, qual o formato de suas pernas e nádegas, se elas têm coxas finas ou grossas, pele bonita, se têm curvas ou não — tudo isso é exposto ao público nas vestes de banho. As vestes de banho são, propositalmente, o caso clássico de procurar ter aquilo que se deseja e de satisfazer esse desejo. Tudo foi idealizado

12 Kidwell e Steele, *Men and Women*, p. 118.

para oferecer nudez *e* cobrir ao mesmo tempo. Se alguém quer ver uma mulher com tão pouca roupa quanto legalmente possível, não precisa fazer nada além de olhar anúncios de roupas de banho. E devido à conexão com roupas íntimas, não deveríamos nos surpreender por serem tais vestes praticamente indistinguíveis. Então, se as vestimentas não podem ser dispensadas de uma vez por todas, as roupas de banho, pelo menos, dão aparência de nudez. Foi para isso que elas foram *idealizadas*.

Quando as novas vestes "ajustadas no corpo" foram introduzidas em 1933, elas foram oferecidas como resposta ao "banho nu". Um anúncio daquela época dizia com entusiasmo: "Nenhum outro instrumento humano pode aproximar-se da liberdade completa, do perfeito ajuste, em descanso ou em movimento, e do senso irreal mas estritamente legal de não estar vestindo nada". Isso não foi escrito nos anos 1960 e não apareceu nas revistas *Playboy* ou *Penthouse* — apareceu em uma revista de moda em 1933! Espero que o leitor perceba que as vestes de banho cumpriram intencionalmente um papel fundamental para o declínio não muito sutil da sociedade rumo à devassidão pública.

Por mais de 100 anos, esta veste simples serviu como o mais importante instrumento para a nudez pública da sociedade. Os fabricantes de vestes de banho têm cumprido um papel elementar em "ultrapassar os limites", na guerra cultural entre a modéstia cristã e a nudez. Eles têm estabelecido o padrão para o que deve ser exposto e o que deve ser coberto, ainda que nem o padrão nem a ética deles sejam extraídos da Palavra de Deus. A História demonstra, com clareza, que o ponto de vista deles tem colidido violentamente com as leis da terra e, mais importante ainda, tem colidido violentamente com a santidade de Deus.

Sessenta anos atrás, vestir-se dessa maneira era chamado

de "exposição indecente". Hoje, alguns pastores, professores de Escola Dominical, líderes de conferências bíblicas chamam-no de "liberdade cristã" e de "uma coisa indiferente". Crer que uma veste *idealizada* para erotizar várias partes do corpo é uma coisa indiferente revela a dicotomia de pensamento mencionada anteriormente. Eis o que a dicotomia produz: homens e mulheres que nunca sonhariam em caminhar no jardim de sua casa vestidos com suas roupas íntimas desfilam publicamente seus corpos quase nus, em roupas de praia. Quantas de vocês, mulheres, permaneceriam em frente ao seu jardim usando apenas sutiã e calcinha? Você já considerou o fato de que essas peças talvez cubram mais do que as vestes de praia? A dicotomia também produz pessoas que se assentam nos bancos da igreja, aos domingos, reprovando a imoralidade pública, enquanto permanecem inconscientes de que as vestes que elas usarão nas próximas férias teriam levado à prisão, por nudez pública, há apenas algumas décadas! Usando um "modesto" maiô dos dias de hoje, uma mulher teria sido *presa* em 1922, como revelam arquivos de jornais.

Como isso aconteceu com homens e mulheres cujos corpos são templo do Espírito Santo? Embora tenhamos hoje um ressurgimento da soberana graça de Deus, bem como um renovado clamor por santidade, de alguma maneira essas vestes têm conseguido sobreviver na comunidade dos crentes professos (incluindo os Reformados). Elas não têm somente sobrevivido, mas *florescem* e estão sendo realmente defendidas e dignificadas como "liberdade" para o povo de Deus. Isso nos deixa perplexos. Entretanto, oferecerei, nos próximos capítulos, algumas sugestões a respeito de como isso aconteceu. Antes, porém, consideraremos o palco em que os crentes modernos têm praticado a sua nudez santificada. Conforme veremos em seguida, o *strip-tease* surgiu como uma apresentação erótica.

▫

6
O Teatro da Carnalidade

Fiz aliança com meus olhos; como, pois, os fixaria eu numa donzela?

Jó 31.1

Deus criou as praias. Elas são uma belíssima parte da Criação. O esplendor da areia, as ondas e o sol refletem a glória do seu Criador. As praias são agradáveis, mas se tornaram um triste palco no qual uma furiosa batalha por modéstia foi perdida. Durante os últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX, ir à praia quase se tornou uma religião para muitas pessoas. Entre a propaganda espalhafatosa dos meios de comunicação que vendeu constantemente essa "recreação saudável" e o sucesso estratégico e brilhante da indústria da moda em apresentar as vestes de banho como algo "moderno", desenvolveu-se, nas pessoas, uma dicotomia mental que não nos tem abandonado: a nudez que era inaceitável nas ruas da cidade tornou-se, literalmente, a última moda na praia.

A atmosfera da praia não somente justificava a nudez, mas tornava-se um novo teatro de erotismo, cuja isca era tão inebriante e sedutora, que muitos seres humanos não podiam

ignorá-la. Uns poucos ministros do evangelho censuravam publicamente a afronta moral óbvia da nova mentalidade. Mas eles logo foram silenciados e raramente foram ouvidos outra vez. A afluência à praia abriu portas para se justificar a nudez pública.

O "refugiar-se na praia" encontra-se tão profundamente arraigado na mente das pessoas, que provavelmente muitos crentes estão inconscientes de que homens e mulheres se divertindo juntos na praia era algo desconhecido na história da humanidade até meados do século XIX. E, quando surgiu o clamor por trajes mais "funcionais", a moralidade pública foi despida junto com as vestes superiores e descartada como antiquada e inútil. A praia tornou-se o palco em que o principal ator de uma nova moralidade foi despido, de maneira propositada, progressiva e provocativa — o corpo da mulher.[1]

"Para as mulheres, a preservação da modéstia tornou-se um interesse crucial durante as últimas três décadas do século XIX, quando elas realizaram a inquietante transição de banhar-se para nadar... em meados do século XIX, homens, mulheres e crianças estavam fugindo aos milhares para este mundo sazonal [*a praia*], como um refúgio das pressões da urbanização e da industrialização. Desta cultura de prazeres nasceu a 'garota do verão'. Ela tinha prazer em provocar os homens que ali estavam de férias, com suas vestes e comportamento ousados... Visto que a 'garota do verão' e suas seguidoras mais conservadoras tornaram-se presenças comuns nas praias públicas e particulares, o banhar-se desenvolveu-se em uma forma de recreação conjunta altamente social. Vestes de banho funcionais não eram

[1] A nudez do homem também é abordada neste livro. Entretanto, a ênfase principal é a nudez feminina, porque em nossa cultura a indústria da moda entende o que a indústria pornográfica também reconhece: a nudez da mulher produz mais dinheiro do que a nudez masculina.

mais adequadas, e as mulheres adotaram estilos que revelavam seu charme... de modo contrário aos códigos populares de etiqueta, os rapazes não somente se recusaram a desviar seus olhos, mas também alguns dos mais atrevidos 'viciados em Kodak' freqüentemente se reuniam à beira da água, para contemplarem estas fotos vivas de 'Vênus saindo do mar'".[2]

É óbvio que nossa cultura se tornou extraordinariamente esperta em planejar "dias na praia". Todo tipo de organização encontra ocasiões para se reunir na praia — desde as férias e esportes aquáticos até seminários e retiros de igreja. O amor pela praia e a "vida sem roupas" encontram-se tão profundamente embebidos em nossa cultura, que duvidar de sua conveniência é considerado farisaísmo legalista, um retorno ao "desmancha-prazer" do Puritanismo.

No entanto, mesmo os historiadores de moda contemporâneos observam corretamente: "Banhar-se na praia é uma provocação social, uma situação que pode apoiar o comportamento sensual levemente impróprio e dissimulado. De fato, aqueles que no século XIX não viam a praia como um lugar de prazer, e sim de árida iniqüidade não estavam completamente errados".[3] Eles também ressaltaram aquilo que é dolorosamente óbvio: "A mentalidade de divertir-se ao sol estimulou um elevado senso de conscientização do corpo; e as vestes de banho das mulheres tornaram-se cada vez mais reveladoras".[4] Conscientização do corpo — como se os homens ainda não estivessem "conscientes"! A praia como um "*show* progressivo de *strip-tease*" tem avançado continuamente em direção ao verdadeiro alvo de sua corrida erótica — a nudez total. Nos anos 1970, "os cabelos e a pele tinham de estar no seu máxi-

2 Claudia Brush Kidwell e Valerie Steele, *Men and Women*, p. 119.

3 Richard Martin e Harold Koda, *Splash!*, p. 58.

4 Claudia Brush Kidwell e Valerie Steele, *Men and Women*, pp. 118-120.

mo, e os músculos, no tônus, para serem expostos pelas vestes de banho. O corpo estava na moda, especialmente na praia, e ninguém duvidava que o traje de banho, embora atraente, era apenas uma moldura para ele. Todas as vestes de banho perderam gradualmente sua cobertura, tornaram-se fortemente apelativas e ganharam tal aparência, quando foram usados novos tecidos, maleáveis e brilhantes... Aquelas, porém, que eram ousadas não estavam mais vestindo os pequeníssimos biquínis: começaram a remover a parte de cima, nas praias mais importantes do mundo".[5] Esta paródia não poderia, evidentemente, ser realizada no ambiente de trabalho; a praia oferecia a última fronteira para os pioneiros que desejavam desafiar com ousadia a antiga moralidade.

As roupas de banho legitimizaram não somente a nudez, mas também a sua irmã siamesa — *a satisfação sexual pela visão*. As formas da mulher não eram mais uma fantasia escondida embaixo de roupas e combinações. Agora era uma realidade sensual completa para todos os que desejassem contemplá-la. Embora o piedoso Jó tenha dito: "Fiz aliança com meus olhos; como, pois, os fixaria eu numa donzela?" (Jó 31.1), os homens estabeleceram o *ver* e o *criar fantasias* sobre as "donzelas" como uma característica de masculinidade. "Ser um espectador é... inerente ao nadar no mar... o que não vemos nas ruas... é palpável nas praias... as vestes de banho e o ser um espectador são conceitos inseparáveis."[6]

Se os crentes estão inconscientes de que o mundo vê a praia desta maneira, eles precisam acordar. O homem perdido geralmente vê a praia como o teatro do corpo. Você tem dúvida disso? Considere o seguinte: "Se, em última instância, as

5 Probert, *Swimwear in Vogue Since 1910* (Nova Iorque, Abbeville Press, 1981), p. 80.

6 Richard Martin e Harold Koda, *Splash!*, pp. 43, 19, 21.

roupas de banho fornecem à imaginação moderna o erotismo de, alternativamente, esconder e revelar o corpo, a situação inegável de banhar-se é a nudez... A contemplação dos espectadores, a grande platéia em busca de satisfação sexual pelos olhos, é ainda mais interessante quando o banhar-se no mar envolve um diálogo íntimo entre as roupas e o corpo, um diálogo que raramente poderia ser visto em qualquer outro lugar, no espetáculo da vida moderna".[7] Em outras palavras, na praia você pode ver mais do que aquilo que não pode ver de modo legítimo em outros lugares: corpos vivos e despidos. Não somente isto, o corpo está realmente empacotado de modo a torná-lo mais erótico do que a maioria da nudez completa o tornaria.

Encaremos os fatos: o "empacotamento" é geralmente mais erótico do que a própria nudez. Alison Lurie, autora de *The Language of Clothes* (A Linguagem das Roupas), observou que "alguns escritores modernos acreditam que o ocultamento deliberado de certas partes do corpo surgiu não como um meio de desestimular o interesse sexual, e sim como um recurso sagaz para despertar tal interesse. De acordo com este ponto de vista, certas roupas são o equivalente físico de mensagens tais como: 'Eu tenho um segredo'; elas são um convite, uma provocação. É verdade que partes do corpo humano, consideradas sexualmente excitantes, são freqüentemente cobertas de modo a exagerar e atrair a atenção para si".[8] Claudia B. Kidwell e Valerie Steele acrescentam: "As roupas são especialmente 'sexy' quando chamam a atenção para o corpo nu por baixo delas".[9] Todo ser humano que está levemente consciente de sua sexualidade *sabe* disso. O mesmo se aplica às minissaias,

---

7 Ibid.

8 Alison Lurie, *The Language of Clothes*, pp. 212-214.

9 Claudia Brush Kidwell e Valerie Steele, *Men and Women*, p. 56.

calças justas, corpetes, shorts e diversas roupas que escondem e revelam o corpo. A indústria da moda acredita que o principal propósito da roupa não é encobrir o corpo, e sim a *atração sexual*. Isto é o oposto da modéstia cristã.

É triste, mas é verdade: a grande dicotomia revive e muito bem em nossos dias, dominando a mente de inúmeros e vacilantes pastores e líderes de jovens. Eles acreditam que este palco de nudez legitimizada é o lugar ideal para ensinar aos rapazes e moças impressionáveis "a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade" (Tito 1.1). Como pode ser isto?

Há muitas explicações possíveis para este fenômeno confuso. O tempo e o espaço permitem mencionar apenas algumas. Alguns que se declaram homens de Deus são pessoas não-regeneradas e, por isso, lutarão incansavelmente para vestir os prazeres carnais com roupagem religiosa. Alguns dos que professam ser homens de Deus não lideram — pelo contrário, são liderados pelos desejos de seu povo (particularmente, por mulheres e por "grupo de jovens"). Outros, que são sinceros homens de Deus, travam tantas batalhas árduas em várias frentes que simplesmente não têm meditado e estudado sobre o assunto. Existem alguns que têm estudado o assunto, durante vários anos, e concluído que esta é uma questão indiferente, uma questão de liberdade cristã. Consideremos uma alternativa que pode explicar por que esta dicotomia existe em *alguns* homens de Deus.

▫

7
O Impacto dos Meios de Comunicação

Não porei coisa injusta diante dos meus olhos.
Salmos 101.3

Quantos pregadores de nossos dias foram criados assistindo televisão? Responder com exatidão é muito difícil. Mas uma coisa é certa: quase não encontramos alguém que não tenha sido influenciado pelo cinema, quer tenha crescido ao lado da televisão, quer não. O apóstolo Pedro disse: "Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo. Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo" (1 Pedro 1.13-16).

Todas as nossas concupiscências se originavam em um lugar: a mente. Infelizmente, muitos bons pregadores, embo-

ra ordenados a mortificar os feitos da carne, têm se apegado tenazmente à noção de que a televisão e os filmes assistidos são, de alguma forma, neutros e de que o cinema, um grande profeta (talvez, *o* maior profeta) de ideologias anticristãs, produz entretenimentos que devem ser classificados como "liberdade cristã". O cinema *não* é neutro. E, exercitando *suas* liberdades, a indústria cinematográfica descobriu, em seus primeiros anos, que a nudez vende.

Em 1914, quando Mack Sennett reconheceu o sucesso de apresentar nas telas lindas mulheres tomando banho, a indústria cinematográfica começou a produzir constantemente filmes de amor intenso, nos quais havia cenas em que os atores apareciam com roupas de banho. As estrelas de cinema viram sua carreira prosperar rapidamente impulsionada por fotos publicitárias que mostravam-nas com roupas de banho.[1]

Não estou exagerando o papel da indústria cinematográfica em despir a sociedade. Usando a nova tecnologia de produzir filmes, Tinsel Town cercou os espectadores com imagens fortemente sedutoras. Esta estratégia manteve a ameaça da nudez pública constantemente diante dos olhos e mentes ávidos de nossa cultura. Afinal de contas, o cinema era uma forma de entretenimento barato durante a Grande Depressão e atraiu muitos aos teatros. Quase todos podiam pagar para ver os filmes, que ofereciam um escape das dificuldades esmagadoras daquela época. Servindo-se bem dessa oportunidade, a cidade de Hollywood emergiu como uma das principais forças de estilos de moda. Além disso, a sua conexão com a indústria

[1] Lena Lenček e Gideon Bosker, *Making Waves*, p. 14.

de roupas de banho era extremamente lucrativa para ambas as partes. "O conceito básico, do ponto de vista de Jantzen, era este: 'Eu venderei o seu ator, se você vender a roupa de banho que produzimos'. Não havia limites para a astúcia das conexões entre os fabricantes de roupa, os teatros de cinema e os varejistas... A indústria cinematográfica emprestou às roupas produzidas em massa um selo encantador de *glamour* e alto estilo que as transformou em objetos de venda fácil".[2]

Também não houve limites para as maneiras que a indústria cinematográfica encontrou para explorar o corpo humano, a fim de obter lucro. Além de tudo, o corpo poderia agora ser vestido com poucas roupas, de modo erótico, e projetado em imagens deslumbrantes, grandes e impressionantes, para que todos vissem. "O banho de erotismo estava sendo promulgado pelos fabricantes de roupa de banho, pelos promotores de desfiles de beleza e pela máquina de glamour da indústria cinematográfica. Grupos de bailarinas submersas e espetaculares apresentadoras de nado sincronizado tornaram-se algumas das pornografias não-explícitas daquela década e da posterior... A indústria cinematográfica entendeu que, embora os filmes pudessem transmitir mensagem verbal, poucas conversas equivaliam a um apelo inexprimível ao sexo, por parte da sensualidade do cinema."[3]

Deve ser bastante óbvio que a indústria cinematográfica tornou-se uma das principiais fontes de idéias para estilos de roupas. Mas parece que isto fugiu à percepção de alguns pastores e líderes de jovens. O impacto dos meios de comunicação em vender a nudez ao público é difícil de ser exagerado. Embo-

---

[2] Ibid., p. 75.

[3] Richard Martin e Harold Koda, *Splash!*, pp. 32, 29.

ra a página impressa tenha exercido considerável poder sobre a mente das pessoas, o cinema e a televisão sobrepujaram-na por completo. Aquilo que antes era apenas fantasia abstrata na mente obscura dos homens tornou-se uma nova realidade para todos.

Os deuses da moda falavam por meio de imagens em telas grandes e pequenas, lançando mão da imaginação das pessoas como nenhum outro fenômeno de comunicação na História. Ellen Melinkoff, autora de *What We Wore* (O Que Vestíamos), revela a influência dominante que os novos deuses da moda exerceram sobre as moças desde os anos 1950 até os anos 1980. As palavras de Ellen Melinkoff [4] descrevem sucintamente uma geração que se prostrou à voz da indústria cinematográfica, não à Palavra de Deus:

Quando gostávamos de um estilo de roupa, geralmente era porque a indústria da moda indicava que o fizéssemos, por meio da televisão, pelas revistas, por mulheres, por homens, pelos melhores amigos, pelos exemplos convincentes apresentados pelas moças mais populares... A vida suburbana e as colegas adolescentes eram influências menores, se comparadas com a televisão... A televisão abriu o mundo para nós, incluindo o mundo da moda. Ela nos fez ver, com uma intensidade e imediatismo que não tínhamos antes, o que as pessoas vestiam. Antes desse tempo, dependíamos de revistas de moda e filmes para nos orientarem. Mas aqueles meios de informação eram remotos e nos diziam o que uma modelo ou uma estrela de cinema vestira alguns meses antes. Com a televisão, pudemos

[4] Ellen Melinkoff, *What We Wore: An Offbeat Social History of Women's Clothing*, *1950 to 1980* (Nova Iorque, William Morrow and Co.), pp. 20, 21.

ver o que jornalistas e artistas bem-conhecidos vestiam hoje à noite ou à tarde ou o que jovens cantores usaram hoje mesmo, para ir à escola.

Ellen Melinkoff destacou com precisão o assunto que estamos abordando: "A indústria da moda indicava que o faríamos". Os meios de comunicação, especialmente a televisão, transformaram a maneira de pensar dos jovens. Por causa das imagens fortes e sedutoras da televisão, a idolatria foi transformada, sutil e potentemente, de silenciosas imagens de pedra e metais preciosos em ícones vivos que descobriam cada vez mais o corpo. E a sociedade prostrou-se diante do altar e seguiu, com submissão, a moda do dia... muitas igrejas também fizeram isso.

No entanto, o exemplo mais vergonhoso da surpreendente influência da indústria cinematográfica sobre a mentalidade das pessoas não foi o de seduzir as mulheres a se exibirem nuas, e sim o de seduzir *homens*. O apóstolo Paulo nos diz que Eva foi enganada, mas que Adão a seguiu conscientemente. Assim como Adão, os homens têm seguido a "Eva" cinematográfica na nudez pública. A seguinte revelação deveria humilhar todo homem que lê este livro.

Durante os anos 1930, "o busto tornou-se o novo foco de interesse, e os nadadores masculinos que despiram seu peito em público não somente perderam a respeitabilidade, mas também encararam o castigo de prisão... A 'aparência de nudez' nas roupas de banho tornou-se uma zombaria às leis. A revista *Apparel Arts* (Artes de Vestimentas), em 1932, informou que 'muitos dos banhistas deste ano... nadaram sem camisa, vestindo apenas um calção'".[5] Os estilistas de roupas

[5] Claudia Brush Kidwell e Valerie Steele, *Men and Women*, p. 118.

de banho pressionaram "elegantemente" os homens a irem à praia com o peito descoberto e lhes ofereceram uma veste de duas peças. Esta "Veste da Depressão", como foi chamada, tinha uma camisa removível que podia ser guardada, abotoada ou presa ao calção por um zíper. Esta não era uma batalha pequena na prolongada guerra civil em favor da modéstia: "Durante quase três décadas, uma batalha de decência, decisões e decretos foi travada à beira da praia. Na quarta década, o traje de banho das mulheres pouco mudou em termos de decência, mas o busto masculino tornou-se o novo campo de conflito... Nos anos 1930, os atores de filmes começaram a aparecer com o peito desnudo (embora nos anos 1950 tenham sido maquiados, a fim de ocultar os pêlos), e uma tendência mundial seguiu com entusiasmo esse costume mostrando o físico, enquanto sugeria sensualidade".[6] Em outras palavras, quando os estilistas de roupas de banho e sua conexão com a indústria cinematográfica pressionaram os homens a um show de nudez, estes, ansiosamente, lançaram fora as roupas que cobriam o peito, juntamente com a sua masculinidade. Por quê? Porque seguiram o seu coração, em vez de seguirem a Palavra de Deus. Era o que eles queriam.

A culpa por tal estado corrupto e decadente *não* pode ser lançada completamente sobre a mulher, como freqüentemente o fazemos. O problema está justamente nos homens que se encontram atrás dos púlpitos e nos lares. Com a dissolução da masculinidade cristã neste século, os homens tornaram-se adoradores de sexo, efeminados, que não lideram e são *liderados*. Eles têm seguido os seus ídolos de cinema na prática da nudez, ao invés de seguirem a pureza de Jesus Cristo. Se os homens seguissem e governassem seu coração e seus

6 Richard Martin e Harold Koda, *Splash!*, pp. 29, 43.

olhos, conforme nos instrui a Palavra de Deus, a atual cultura de lascívia simplesmente não existiria. Entretanto, qualquer pessoa que ouse falar contra a nudez pública é imediatamente menosprezada como legalista, fariseu e — o pior de tudo — *fundamentalista*. Quão triste é o fato de que muitos púlpitos e grupos de jovens são governados pelos desejos das mulheres e crianças da igreja e *não* pela Palavra de Deus. Como disse o profeta Isaías a respeito das pessoas de seus dias: "Porque povo rebelde *é* este, filhos mentirosos, filhos *que* não querem ouvir a lei do SENHOR. Eles dizem aos videntes: Não tenhais visões; e aos profetas: Não profetizeis para nós o que é reto; dizei-nos coisas aprazíveis, profetizai-nos ilusões" (Isaías 30.9,10).

Compare o que hoje é pregado como "liberdade" com as Perguntas 137 a 139 do *Catecismo Maior*, da Assembléia de Westminster:

P. 137: Qual é o sétimo mandamento?
R. O sétimo mandamento é: "Não adulterarás".

P. 138: Quais são os deveres exigidos no sétimo mandamento?
R. Os deveres exigidos no sétimo mandamento são: a castidade no corpo, mente, afeições, palavra e comportamento; a preservação desta castidade em nós mesmos e nos outros; vigiar os olhos e todos os sentidos; temperança, manter companhias santas, ***modéstia no vestir***... rejeitar todas as ocasiões de impureza e resistir a todas as tentações.

P. 139: Quais são os pecados proibidos no sétimo mandamento?
R. Os pecados proibidos no sétimo mandamento, além da negligência para com os deveres exigidos, são: adultério, fornicação, estupro, incesto, sodomia e todas as concupiscências

antinaturais; todas as imaginações, pensamentos, propósitos e afeições impuras; todas as conversas e escutas obscenas e corruptas; aparência indecente, comportamento leviano ou imprudente**,** ***roupas imodestas*****…** companhias imorais**,** canções**,** livros, fotos, danças e peças de teatro lascivas; e todos os tipos de provocações ou atos de impureza, quer em nós mesmos, quer nos outros. (Ênfase acrescentada.)

Supondo que o leitor acredita ter sido a Assembléia de Westminster composta por homens crentes e sábios, como poderia o entendimento deles a respeito das Escrituras se harmonizar com o moderno refúgio do cristianismo na praia? Quando nos expomos uns aos outros usando vestes idealizadas para a atração sexual, estamos *preservando* a castidade no corpo, mente e afeições em nós mesmos e nos outros? Estamos evitando provocações ao pecado? Isto pode realmente ser classificado como vigilância sobre os olhos e todos os sentidos?

Os crentes modernos, em sua maioria, não querem ter essas práticas licenciosas e mundanas denunciadas como aquilo que elas realmente são. Todavia, o que muitos homens crentes vestem comodamente quando se refugiam na praia era considerado *exposição indecente* há apenas sessenta anos! Apesar disso, a prática de muitos líderes de igrejas é levar nossos filhos a ambientes eróticos e permitir-lhes despir seus corpos uns para os outros. E isso é feito em nome de trazer-lhes ao Deus santo!

Esta geração tem discipulado a si mesma aos pés dos homens efeminados, maquiados, da indústria cinematográfica e tem se nutrido com piscinas e filmes de praias. Uma crônica sobre os trajes de banho observou corretamente: "O verdadeiro show de trajes de banho dos anos 1960 foi novamente realizado na indústria cinematográfica, embora não exclusivamente em cenas de publicidade. Uma geração de adolescentes do pós-guerra cresceu assistindo filmes que usavam cada oportunidade

para mostrar corpos de jovens com roupas de banho". Aquela geração de adolescentes ocupa hoje o púlpito de muitas igrejas. Uma vez que a mente de tais adolescentes foi moldada, desde a infância, pelo ponto de vista da indústria cinematográfica sobre o mundo e saturada com imagens de homens e mulheres nus, não é surpreendente que este assunto seja abordado hoje como "algo indiferente". Muitos de nós estamos tão insensíveis à nudez, que podemos contemplá-la e, com convicção, proclamar: "Liberdade!"

A indústria cinematográfica tem seduzido, de modo progressivo, várias gerações, levando-as à nudez e à lascívia. Entre os leitores deste livro, quais *não* têm, impregnadas em sua mente, imagens sensuais de corpos seminus, vestidos com roupas de banho eróticas — imagens que são permanentemente gravadas na memória por meio dos comerciais da televisão, anúncios de revistas, *outdoors* e outros meios de comunicação? Infelizmente, estas imagens sedutoras têm atraído o luxurioso coração de muitos às garras mortais do vício da pornografia. E muitos púlpitos permanecem envolvidos por um silêncio mortal. Ou, o que é pior, alguns púlpitos declaram entusiasticamente que Jesus morreu na cruz para comprar esta "liberdade". Estes discípulos dos meios de comunicação precisam arrepender-se de se conformarem com o mundo e serem transformados pela renovação de sua mente (ver Romanos 12.1,2).

Temo que somente o Dia do Juízo revelará plenamente a extensão do dano causado pelos meios de comunicação e por muitos púlpitos de nossos dias.

▫

8
Velas em Meio à Pólvora

O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor.

Romanos 13.10

Vivemos em uma sociedade pornográfica. Mas os filhos de Deus são chamados à pureza e santidade. Talvez, devido ao fato de que estão mergulhados no êxtase de uma cultura sexualmente devassa, alguns pregadores contemplem o interminável desfile de sensualidade e concluam que, afinal de contas, as vestes de banho, saias curtas e outras roupas indecentes não são tão ruins. De acordo com esse pensamento, alguns pastores e líderes de jovens exortam as moças de suas igrejas a vestirem maiôs decentes, antes de irem à praia. No entanto, espero que nesta altura já esteja claro que tal coisa é ficção. "As pessoas estão mais conscientes de seu corpo", explicou Peggy Gay, uma compradora de roupas de banho, "e existe certa sensualidade branda em um maiô que não existe em um biquíni".[1] Isto é

[1] Lena Lenček e Gideon Bosker, *Making Waves*, p. 141.

inegável. Os maiôs modernos são obras-primas de camuflagem sensual, porque muitos dos corpos de mulheres simplesmente não podem satisfazer a sede popular pela figura perfeita. O maiô é desenhado com o propósito de fazer o melhor "do que a mulher tem". Se você duvida, leia este anúncio de uma loja de departamentos:

> **Inauguramos nosso departamento**
> **de vestes de banho**
> *Veja a diferença que a roupa certa pode fazer!*
>
> **Nossos especialistas** são treinados e estão prontos a ajudá-la a escolher o tamanho correto de sua roupa de banho. Eles sabem a opção que realmente se ajusta aos seus quadris, cintura e busto. Temos um especialista em cada loja. Sabemos que, ao escolher o menor modelo, você quer uma peça que ressalte as suas melhores partes, e não uma que chame a atenção para aquelas áreas menos perfeitas... em cada etiqueta, você encontrará um ou mais pontos coloridos que o ajudarão a achar a roupa que torna o seu corpo mais atraente.[2]

Escolher o melhor modelo? A roupa que torna o seu corpo mais atraente? Moças, que partes do corpo vocês estão "ressaltando"? Esse tipo de veste se parece com uma roupa que promove o domínio próprio, o qual se manifesta exteriormente em humildade e pureza de um amor autêntico por Cristo? Ou isto é a própria *essência* da autoglorificação e da autopromoção? Um metro ou mais de tecido elastizado que expõe as partes íntimas do corpo não é modéstia. Ao ler estas palavras, alguém pensa *realmente* que existe modéstia, quando quase todas as

[2] Anúncio de um jornal local.

curvas do corpo de uma mulher estão envolvidas de forma a exibirem um espetáculo sensual público? Um estudo cuidadoso da literatura, imagens e fotos desde os primeiros anos da evolução das vestes de banho revelará que as regiões controversas do corpo foram progressivamente despidas: parte superior dos braços, as coxas, os ombros e as costas. Afastando-se do padrão bíblico, as roupas de banho subiram até às coxas e desceram dos ombros até o peito.

Todavia, apesar de toda esta ousada exposição do corpo, a última região vergonhosa foi protegida por um pouco — a virilha. Durante as primeiras décadas do século XX, as vestes de banho masculinas e femininas encobriam decentemente esta parte do corpo. Mas até esta última parte preservada foi descoberta e agora é revelada de maneira proeminente. Muitas das vestes de banho femininas vendidas em nossos dias definem claramente *o púbis*.[3] Não é este *o desígnio* de tal roupa? Não é esta a antítese da modéstia cristã? Negar isto é envolver-se em ginástica mental inconveniente para um crente.

Ser atraído à beleza que Deus outorgou a alguém é uma coisa; ter seus olhos *dirigidos* ao corpo de uma pessoa por causa de roupas idealizadas com sensualidade é outra coisa bem diferente. Embora as roupas não tenham de esconder o gênero de uma pessoa, qualquer veste que tem *o desígnio* de atrair os olhos para as regiões eróticas do corpo não pode satisfazer a exigência bíblica de decência. As formas do corpo do homem e da mulher *não* são más em si mesmas; foram desenhadas por um Criador *bondoso*. Ele as declarou muito *boas*. Ao dizer isto, tenho de esclarecer que o problema *não* é e nunca tem sido as

3 Uma arredondada protuberância de carne situada sobre os ossos púbicos que se encobre de pêlos durante a puberdade. Esta não é outra maneira de "descobrir a nudez da mulher"?

vestes de banho ou qualquer outra peça de roupa. O problema é *o coração pecaminoso*. Roupas, assim como todas as coisas materiais, não são pecaminosas em si mesmas. Mas expor ou vestir o corpo de maneira sensual, provocando concupiscências nos outros, é pecaminoso. As agências de propaganda aprenderam, anos atrás, que decorar praticamente *qualquer* produto com uma mulher seminua prenderá a atenção de um homem.

A santa Palavra de Deus afirma que não devemos amar o mundo nem as coisas que há no mundo (1 João 2.15). As vestes de banho modernas e muitas roupas da moda são criadas para satisfazer aos padrões *do mundo* e não ao padrão do Senhor Jesus. A indústria da moda fomenta o orgulho, a concupiscência da carne e a concupiscência dos olhos, e não a pureza e a santidade. O seu propósito não é *cobrir* o corpo, mas *vesti*-lo de modo sensual ou *descobri*-lo. O mundo não nega isso. Por que, então, o negam muitos crentes? O mundo parece mais sincero a respeito do assunto do que muitos daqueles que enchem nossas igrejas e nossos púlpitos.

As mulheres *especialmente* devem estar cientes de como as suas vestes causam impacto nos homens, porque, falando de modo geral, os homens são mais orientados pela visão do que as mulheres. Richard Baxter comentou sabiamente que as mulheres pecam quando as suas vestes tendem a "enredar as mentes dos que as contemplam, prendendo-as em paixões impudentes, luxuosas e devassas; e, embora vocês digam que não tinham a intenção, a culpa é sua — vocês fizeram aquilo que prendeu a mente dos homens e não se esforçaram ao máximo para evitar isso. Mesmo que o pecado seja deles e que a causa seja a vaidade, vocês, mulheres, são culpadas de produzir a ocasião desnecessária, pois têm de levar em conta que vivem em meio a almas enfermas! Vocês, mulheres, não podem colocar pedra de tropeço no caminho dos homens, nem acender o fogo da concupiscência deles, nem fazer de suas vestes uma

armadilha para eles. Vocês, mulheres, têm de andar entre pessoas pecaminosas como o fariam se estivessem portando uma vela em meio a pólvora ou palha, pois, de outro modo, poderão ver a labareda que não tinham previsto, quando for tarde demais para apagá-la".[4] Baxter prosseguiu, advertindo às mulheres: "Vocês devem servir a Cristo usando roupas que expressem humildade, renúncia, castidade, sobriedade, a fim de levar outros a imitá-las na prática do bem; em vez de, com as vestes de vocês, servirem ao diabo, ao orgulho, às concupiscências, atraindo os homens a imitá-las na prática do mal".[5] É muito raro encontrar uma mulher que entende corretamente o efeito que suas roupas têm sobre os outros. Muitas mulheres não compreendem que são velas em meio à pólvora.

De modo semelhante, Thomas Manton declarou: "As roupas foram dadas para cobrir a nudez e a deformidade que foram introduzidas pelo pecado. Por isso, o apóstolo disse: 'As mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia'... deixar o peito descoberto, no todo ou em parte, é uma transgressão desta regra. As mulheres descobrem a sua nudez, que deveriam esconder e ocultar, especialmente na presença de Deus... habitualmente, mulheres vêm com vergonhosa impudência à presença de Deus, dos homens e dos anjos. Esta é uma prática que não concorda com a decência nem com a convivência; é injustificável, resultante de orgulho e devassidão; nutre o orgulho pessoal e provoca cobiça em outros. Poderíamos pensar que tais mulheres são pessoas ímpias que oferecem veneno aos

4 Richard Baxter, *A Christian Directory*, em *Baxter's Practical Works, Vol. I* (Londres, George Virtue; ed. reimpressa, Ligonier, Pensilvânia, Soli Deo Gloria Publications, 1990), p. 392.

5 Ibid., p. 393.

outros. Elas fazem o que é pior: *põem* armadilhas para enredar a alma; *descobrem* o que deveria estar coberto... Crentes devem evitar o pecado em si mesmos e não provocá-lo nos outros".[6]

Thomas Manton estava falando com pessoas que usavam *muito* mais roupas do que as mulheres de nossos dias usam, em suas minissaias, blusas decotadas, maiôs ou biquínis. A argumentação de Manton é clara: os crentes devem ficar longe de provocar o pecado em si mesmos e, especialmente, nos outros — e a nudez pecaminosa contribui para a provocação do pecado.

Nosso Senhor Jesus Cristo disse: "Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela" (Mateus 5.27-28). O argumento óbvio desta ordem de Jesus é que os homens devem guardar sua mente e coração por governarem corretamente seus olhos. Os homens são responsáveis diante do Deus vivo pela maneira como usam os seus olhos. No entanto, as mulheres parecem freqüentemente não perceber que, por causa deste mesmo mandamento, *elas* são responsáveis por se vestirem com modéstia. Elas não devem usar roupas sensuais, luxuriosas e caras, para não levar os outros ao pecado. Os homens têm de prestar contas a Deus pela maneira como usam seus olhos, enquanto as mulheres devem ter o cuidado de não colocar pedra de tropeço diante dos homens.

O horrível pecado de Davi foi culpa *dele* mesmo; mas a nudez pública, imprudente e tola de Bate-Seba alimentou o

---

[6] Thomas Manton, *Sermons upon Titus 2.11-14*, em *Manton's Complete Works, Vol. 16* (Worthington, Pensilvânia, Maranatha Publications), p. 138.

fogo da concupiscência de Davi — "Uma tarde, levantou-se Davi do seu leito e andava passeando no terraço da casa real; daí viu uma mulher que estava tomando banho; era ela mui formosa" (2 Samuel 11.2). Bate-Seba falhou em não governar sua própria modéstia; Davi falhou em não governar seus olhos. Vela... Pólvora.

Nesta altura, algumas irmãs podem objetar: "Não estou procurando ser sexy ou tentar os homens!" Creio nisso. Todavia, apesar de suas melhores intenções, se você veste um maiô colado na pele, *idealizado* para ressaltar as suas partes especiais e se expõe aos olhos dos homens, você não será bem-sucedida em promover a santidade, não importa o quanto tente promovê-la. Ações falam mais alto do que palavras. E, neste caso, roupas coladas na pele falam muito mais alto do que desejos do coração. O mesmo princípio se aplica às minissaias, calças apertadas e inúmeras outras vestes que expõem e divulgam o corpo, em vez de cobri-lo.

O mundo e os deuses da moda não devem ser o padrão para a maneira de vestir do crente, também não devem ter a palavra final a respeito do que constitui a beleza. Uma famosa historiadora de moda disse: "Toda a minha pesquisa levou-me a crer que o conceito de beleza é sexual, em sua origem, e o inconstante ideal de beleza aparentemente reflete atitudes que mudam freqüentemente em relação à expressão sexual".[7] Este é o padrão do mundo e não o de Deus, com certeza.

O Espírito Santo declara a respeito da beleza feminina, por meio de Salomão: "Enganosa *é* a graça, e vã, a formosura, *mas* a mulher *que teme* ao SENHOR, essa será louvada"

---

[7] Valerie Steele, *Fashion and Eroticism: Ideals of Feminine Beauty from the Victorian Era to the Jazz Age* (Oxford, Nova Iorque, Oxford University Press, 1985), p. 5.

(Provérbios 31.30). *Este* é o padrão. Além disso, mulheres *e* homens precisam entender claramente que roupas *constituem* uma linguagem, uma verdadeira linguagem *do corpo*, quer reconheçamos, quer não. À luz deste fato, os filhos de Deus devem desejar fervorosamente promover a pureza e a modéstia piedosa em si mesmos e naqueles que os cercam.

Os santos de Deus têm de examinar, à luz da Palavra de Deus, *o que* eles vestem e seus motivos para vestir tal roupa. O apóstolo Paulo instruiu a igreja com as seguintes palavras: "E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, *fazei-o* em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai" (Colossenses 3.17). Podemos de todo coração e com sinceridade "ressaltar nossas melhores partes" aos olhos do Senhor Jesus? Paulo exortou a igreja de Corinto: "Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus" (1 Coríntios 10.31). Quando tornamos nosso corpo mais atraente, fazemos isso para a glória de Deus? A forma como nos vestimos deve ter a intenção de glorificar a Deus e não de "pôr em evidência certas partes do corpo". Examine a maneira como você se veste, querido leitor. Ressaltar as melhores partes e tornar o corpo mais atraente é conveniente à sociedade pornográfica e não aos filhos de Deus. Você tem de lembrar *sempre* que vive em meio a almas enfermas. E, irmãs, vocês são realmente velas em meio à pólvora.

▫

9
Retorno à Modéstia Cristã

Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.

1 Coríntios 6.20

Vincent Alsop fez esta observação: "A presente geração está lamentavelmente intoxicada com inovações e tristemente afastada da seriedade das gerações passadas; isso não pode ser negado, ocultado, defendido nem, eu temo, melhorado... até os "filhos de Sião" foram contagiados pela epidemia".[1] De modo semelhante, uma epidemia de imodéstia infecciona a igreja hoje. Os princípios pelos quais muitas roupas de banho não passam no teste de decência devem ser aplicados a *tudo* que vestimos. Precisamos compreender que algumas roupas realmente não *cobrem;* as roupas apertadas *tornam visíveis* as formas do "corpo, que está por baixo", da mesma maneira que o fazem as roupas de banho.

Enquanto não devemos nos envergonhar do corpo pro-

[1] Vincent Alsop, *Sinfulness*, p. 490.

priamente dito, como se este fosse uma coisa má, temos de *cobri*-lo para preservar a santidade da mente e do espírito, especialmente na adoração coletiva ao Deus santo. Acima de tudo, nós, homens, temos de aprender a dominar nosso coração e olhos, bem como a ensinar a nossa esposa e filhos os princípios corretos de modéstia. Embora as mulheres sejam vulneráveis a usarem roupas indecentes e sensuais, o esposo e pai é responsável pelo que as mulheres vestem em seu lar. Homens *e* mulheres crentes precisam estudar este assunto e orar com fervor a seu respeito, pois necessitamos verdadeiramente de um retorno à modéstia bíblica.

Por que usamos um ou outro estilo de roupa? John Bunyan apresentou a questão da seguinte maneira: "Por que muitas mulheres saem de casa com os ombros desnudos e seios à mostra...? Por que elas pintam o rosto, esticam o pescoço e usam todas as formalidades às quais são levadas por suas fúteis imaginações? É para honrar a Deus e adornar o evangelho? É para tornar o cristianismo atraente e fazer os pecadores desejarem a salvação? Não, não; pelo contrário, elas o fazem para satisfazer suas próprias concupiscências... Creio também que Satanás tem atraído mais pessoas ao pecado de impureza, por meio do esplendoroso desfile de roupas requintadas, do que poderia ter atraído sem a utilização de tais roupas. Fico admirado ao pensar que as vestes, no passado chamadas vestes de prostitutas certamente não eram mais sedutoras e tentadoras que as roupas de muitas cristãs professas de nossos dias".[2] O mesmo poderia ser dito *hoje*, querido leitor. Examine seu pró-

[2] John Bunyan, *The Life and Death of Mr. Badman*, em *The Works of John Bunyan*, editado por George Offor, *Vol. III* (Londres, Blackie and Sons, 1875; ed. reimpressa, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House Company, 1977), p. 645.

prio coração. Por que você se veste da maneira como se veste?

O clamor das feministas é: "Este é meu corpo; eu faço o que quero". O clamor dos evangélicos modernos é: "Esta é a minha liberdade; eu faço o que quero". Contudo, a declaração das Escrituras é: "Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, *que está* em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo" (1 Coríntios 6.19-20). Se você é crente, isto significa que *não* pertence a si mesmo. Todo o seu ser — corpo e alma — é propriedade adquirida por Jesus Cristo; e o preço pago pelo *seu* corpo foi o traspassamento do corpo *dEle*. "Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim" (1 Coríntios 11.24; Mateus 26.26). O seu corpo pertence a *Ele*! O Senhor Jesus o redimiu mediante o seu precioso sangue, na cruz do Calvário. *Temos* de pensar bem na maneira como adornamos esta propriedade adquirida pelo sangue do Senhor Jesus.

Sem dúvida, nesta altura, alguns dirão: "Ah! Isso é *legalismo*!" Exortar os filhos de Deus a cobrirem seu corpo *não* é legalismo, porque a modéstia é um *mandamento* das Escrituras. O desejo do coração regenerado é honrar o Senhor Jesus e fazer tudo o que Lhe traz glória, por obedecer os mandamentos dEle. "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama... Quem não me ama não guarda as minhas palavras" (João 14.21, 24). A glória de Deus e o amor por Cristo devem ser os motivos primários de tudo que falamos, realizamos e pensamos; e isto inclui o que vestimos.

Apresentei-lhe as Escrituras, bem como fatos históricos. Esforcei-me por deixar que os escritores de moda falassem por si mesmos, com clareza. Espero que tais coisas o tenham levado à reflexão, bem como ao amor e às boas obras. Mas, como mencionei antes, se você acha incorreta a definição

de modéstia ou antibíblicas as conclusões deste livro, então, investigue com empenho e ore, até que o Senhor lhe dê algo melhor. Todavia, não deixe de *orar*! Por amor a Cristo, *ore*! Nunca é legalismo exortar os filhos de Deus a obedecerem ao Senhor Jesus, em conformidade com a Palavra dEle!

Ore e medite no eterno propósito do Deus todo-poderoso — "Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para *serem* conformes à imagem de seu Filho" (Romanos 8.29). Esta terra e todo o universo existem por uma única razão: o Deus da graça determinou salvar seu povo dos pecados deles e torná-los semelhantes ao seu Filho, Jesus Cristo. Ele derramou seu próprio sangue, na cruz do Calvário, a fim de pagar o débito dos pecados de seu povo. Tão-somente pela fé nEle, os pecados do povo de Deus são perdoados por toda a eternidade. Cristo os salva, purifica e os torna semelhantes a Si mesmo. E como *Ele* é? "Santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus" (Hebreus 7.26).

Então, como governaremos corretamente nossa vida no que diz respeito a este assunto difícil? Consideremos os seguintes princípios:

1) A glória de Deus tem de ser nosso *alvo* primário:

Glorificai a Deus no vosso corpo.

1 Coríntios 6.20

Tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, *fazei-o* em nome do Senhor Jesus.

Colossenses 3.17

2) O amor pelo Senhor Jesus tem de ser nosso *motivo:*

Nós amamos porque ele nos amou primeiro.

1 João 4.19

3) Lembrar que somos templo do Espírito Santo e que não pertencemos a nós mesmos tem de ser o *princípio que nos disciplina:*

> Não sabeis que o vosso corpo é santuário do
> Espírito Santo, *que está* em vós...
> e que não sois de vós mesmos?
> 1 Coríntios 6.19

4) O amor para com os outros, a preservação da pureza neles e em nós e o desejo de não provocar neles a cobiça devem ser nosso *alvo conseqüente:*

> O amor não pratica o mal contra o próximo;
> de sorte que o cumprimento da lei é o amor.
> Romanos 13.10

Que o Deus de misericórdia nos conceda arrependimento onde temos pecado neste assunto. Seja honesto consigo mesmo e com Deus, querido leitor. Você tem realmente considerado este assunto com seriedade? Qualquer de seus irmãos e irmãs em Cristo tem orado com fervor, pedindo ao Senhor que lhe mostre como um filho de Deus deve se vestir? Se não, insisto, de todo o coração, que você o faça. Arrependa-se de qualquer mundanismo que achar em seu coração. Arrependa-se das ocasiões em que se veste para a contemplação dos homens e não para a glória de Deus.

Hoje, muitos estão defendendo corajosamente o evangelho da graça soberana de Deus; estão declarando com clareza, em muitos lugares, a gloriosa verdade da salvação pela fé tão-somente em Cristo. Estas verdades maravilhosas e transformadoras devem produzir um povo *modesto*, santo e humilde, um povo distinguível deste mundo perdido e condenado. Portanto, minha fervorosa oração é que amemos intensamente o Senhor Jesus *e* uns aos outros; que nos esforcemos juntos para

manter a unidade da fé e tenhamos vidas que magnifiquem a graça salvadora de nosso bendito Redentor.

Vivamos de maneira sensata, justa e piedosa no presente século (Tito 2.11-14) e jamais neguemos estas preciosas verdades que amamos, por nos prendermos às formas e modas deste mundo perverso e sua nudez pecaminosa. Glorifiquemos a Deus em nosso corpo e em nosso espírito, os quais pertencem a Ele (1 Coríntios 6.20). E, para a glória de Deus e por amor ao Senhor Jesus Cristo, retornemos à modéstia cristã.

▫

Alguns dos Títulos da Editora Fiel

Vida Cristã
Como Adorar o Senhor Jesus Cristo - Joseph S. Carroll
Como Ler a Bíblia - Charles H . Spurgeon
Do Orgulho à Humildade - Stuart Scott
Existe o Milagre de Curas Hoje? - Brian Edwards
Fé Genuína - J. C. Ryle

Oração que Deus Responde, A - Guy Appérré
Que Existe de Especial no Domingo, O? - Brian Ewards

Doutrina
"Antigo" Evangelho, O - J. I. Packer
Batismo do Espírito Santo, O - Erroll Hulse
Com Vergonha do Evangelho - John F. MacArthur, Jr.
Deus é Soberano - A. W. Pink

Estudos no Sermão do Monte - D. Martyn Lloyd-Jones
Evangelho Segundo Jesus, O - John F. MacArthur, Jr.
Nossa Suficiência em Cristo - John F. MacArthur, Jr.
Pregação e Pregadores - D. Martin Lloyd-Jones
Regeneração por Decisão - James E. Adams
Salvação Bíblica, A - W. A. Criswell
Sincero, mas Errado - D. Martin Lloyd-Jones
Triunidade de Deus no VT, A - Stanley Rosenthal
Verdades que Transformam - D. James Kennedy

Criação
No Princípio - E. H. Andrews

Biografia
De Traficante de Escravos a Pregador - Brian Edwards
Verdade nos Libertou, A - Várias Autoras
Meu coração nas Mãos de Deus - Sharon James

Evangelismo
Em Busca da Paz - John Blanchard
Ao Encontro de Deus - Jim Elliff

Família
Casados, mas Felizes - Tim Lahaye
Não Deixe de Corrigir Seus Filhos - Bruce A. Ray
Pastoreando o Coração da Criança - Tedd Tripp

Adolescentes & Jovens
Palavra aos Moços, Uma - J. C. Ryle
Santidade do Sexo, A - Frank Lawes e Stephen Olford

Crianças
Conduzindo os Pequeninos a Deus - Marian M. Schooland (colorido)
Evangelho para Crianças, O - John Leuzarder (colorido)
Pequena Águia, A - Jim Elliff (colorido)
Série Mackenzie:12 histórias de personagens bíblicos (colorido)

Devocional
Meditações no Evangelho de Mateus - J. C. Ryle
Meditações no Evangelho de Marcos - J. C. Ryle
Meditações no Evangelho de Lucas - J. C. Ryle
Meditações no Evangelho de João - J. C. Ryle

Aconselhamento
Manual do Conselheiro Cristão, O - Jay E. Adams
Tarefas Práticas p/ Uso no Aconselham. Bíblico - Wayne Mack

Visite nosso site e conheça o nosso catálogo completo

www.editorafiel.com.br